

PATEO DOS MILAGRES



(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)

— E, mestre Ledoux, poderia dar lições aos meus alunos sobre a cirurgia em matéria de esqueletologia.

Tendo descoberto o esqueleto, o carrasco contentou-se com a ternura especial do artista que contemplava sua obra-prima.

Limpou, cuidadosamente, um pouco de pó que tinha caído sobre o crânio e as omoplatas. Depois pousou o seu dedo sobre as vértebras do pescoço.

— Eis o que é preciso não partir! — exclamou elle.

Ficou absorto numa longa meditação. Depois, murmurou:

— Entretanto, já aconteceu! A coisa aconteceu a Gaspar, o Flamengo. Lembrar-me-la toda a vida. Foi no anno de mil quinhentos e doze, no mez de abril, mesmo em Montfaucon. Que teria feito o bom Gaspar? Não sei mais de todo! O facto é que, numa bella manhã de abril, o enforquei devidamente pelo pescoço. Ora, que aconteceu?... Aconteceu que, mais de oito minutos depois do enforcamento, quando eu já me apromptava para ir embora, com o espirito descansado, um dos meus criados — lembro-me até que foi Nicoláo Bigot — me segurou de repente, no braço, e exclamou livido de terror, e batendo os dentes: "Mestre, olhe para Gaspar Flamengo!" Eu olhei para o enforcado e vi que elle estava com os olhos arregalados, não pela dilatação da agonia, mas tranquillamente e cheios de vida... e os olhos olhavam-me com um ar zombeteiro... Quando elle viu que eu o observava, o sujeito tratou de fechá-los... Aproximei-me e disse-lhe: "Olé! Não morreste?" — pergunta á qual elle não respondeu nada, de resto... Eu subi a escada, e percebi, então, que o nó não tinha escorregado até o pescoço, e que o bom Gaspar ficára suspenso no vacuo sem maior incommodo do que não poder abrir a bocca, visto que o segurava por baixo do maxillar... (Houve algum tempo, em Paris, uma exhibição de um individuo que ficava enforcado, realmente enforcado, na presença do publico, durante uma hora. Esse "artista" empregava, sem duvida o "truc" de que fala mestre Ledoux.) A coisa surpreendeu-me de tal modo, que eu tomei por mim mesmo o partido de tirar o pobre diabo dali e dar-lhe a liberdade...

— O que aconteceu a Gaspar Flamengo, por acaso, não pôde acontecer a um outro pela minha vontade?

Os olhos de mestre Ledoux relampejaram de orgulho. Elle sentia-se senhor da vida humana.

Então occupou-se num singular trabalho: acima do esqueleto enterrou um grande prego; ao prego amarrrou uma corda e fez um nó corredio. Passou o nó em volta dos ossos do pescoço.

Collocou o nó na corda, apertando-o de modo que elle se apoiasse de um lado sobre o queixo e do outro sobre o osso occipital. Depois puxou. O esqueleto estava enforcado.

— Bom! — disse mestre Ledoux: — lá está o meu homem em posição! Que devo fazer neste momento?

Devo suspender-me ás suas pernas e puxar dando um puxão rapido... que acontece?... Que as vértebras do pescoço se partem e que a morte sobrevem immediatamente... Mas se eu não der o puxão?... Se eu fizer sómente menção de dá-lo?... As vértebras ficam intactas, e o meu homem pôde ficar nessa posição bastando tempo... Se, todavia, elle não suffocar?... (Recomeçamos!)

Mais de dez vezes seguidas, mestre Ledoux exercitou-se nesse phantástico e macabro exercicio. Desentortava o esqueleto, tirava-lhe a corda. Depois collocava o nó e puxava a corda.

Recomeçou a operação até que do primeiro golpe, e sem hesitar, conseguiu collocar o nó corredio no lugar justo que tinha determinado.

Então, mestre Ledoux deu uma gargalhada. Embrulhou o seu esqueleto com muito cuidado.

Cuidou, então, mestre Ledoux, em repousar um pouco.

Mas ao momento em que se dirigia para a sua camera, bateram violentamente á sua porta. Elle foi abrir.

Era um dos seus criados.

Mestre, é a hora — disse esse homem.

— Que horas são, então?

— Seis horas, mestre.

A noite tinha passado com uma rapidez de que mestre Ledoux não tinha tido consciencia.

— Está bem — disse elle: — já vou!...

A RUA SANTO ANTONIO

Nós vimos o reverendo Loyola partir ás pressas no momento em que se declarava a loucura de Monclar; partir apressadamente, dizemos, do palacio do grande preboste, para alcançar os guardas que levavam Lanthénay, e para assistir ao supplicio do desgraçado rapaz.

As mãos estreitamente amarradas, solidamente agarrado por dois carcereiros, cercado por uns vinte guardas, Lanthénay caminhava sem resistencia.

O desgraçado não comprehendia nada do que lhe estava acontecendo.

Seu pae o tinha reconhecido!...

Seu pae tinha testemunhado, ao tornar a vê-lo, uma alegria, uma emoção extremas...

E seu pae deixava que o levassem á força!...

Que se passava, então, no espirito do grande preboste?... Estaria o seu coração tão endurecido a esse ponto, no exercicio das suas funções, que elle sacrificasse assim o seu filho!...

Lanthénay experimentava, nessas cogitações, uma dor para elle desconhecida.

Certamente, elle tinha odiado o grande preboste quando ignorava ser o filho do conde de Monclar...

(Continua na pag. seguinte)

Mas não tinha sentido o seu ódio desaparecer-se como a neve se derrete ao sol, no momento em que se certificou que tinha encontrado seu pae?

E agora?...

Ia elle, então, morrer deitando uma maldição suprema a esse pae?

Como pensasse nessas coisas, quasi inconsciente de estar caminhando para a forca, uma voz junto d'elle falou... assim como essa mesma voz tinha falado, de repente, ao ouvido de Dolet, em caminho da fogueira:

— Está prompto a morrer?

Lanthenay reconheceu Loyola.

Levantou os hombros.

— Espero — proseguiu Loyola — que o senhor empregará os cinco ou seis minutos que lhe restam a viver para reconciliar-se com Deus...

— Pego-lhe, — disse, bruscamente, Lanthenay — que me deixe em paz.

— Que? Nem uma palavra de arrependimento!... Ou pelo menos não tem recado algum para alguém? Entretanto, devem existir pessoas que lhe são caras... que o amem...

Uma nuvem passou pela fronte do desgraçado.

PATEO DOS MILAGRES

(Continuação)

Sentiu-se desfallecer ao lembrar-se da noiva.

Mas já ÁLoyola se apressava em continuar:

— Estava certo que seria consolador para o seu pobre pae receber as suas despedidas; encarrego-me de boa vontade, de transmittir-lh'as.

— Meu pae! — murmurou Lanthenay, ficando lívido.

— Sim! Seu pae que o ama... Elle mo disse! Seu pae, que sente uma viva dor em ter que sacrificá-lo ao seu dever...

Então — exclamou Lanthenay, — eu morro pela vontade do grande preboste?

— Não pela sua vontade, santo Deus!... Mas com o seu consentimento! Simplesmente com o seu consentimento. Ah! E' um magnifico exemplo de abnegação que dá com isso o conde de Monclar, seu pae.

Lanthenay calava-se. Suffocava de dor.

— Não lhe quer mandar algum recado? Elle ficará contente se souber que o senhor morreu como um christão, arrependendo-se dos seus crimes...

— Pois bem; diga-lhe, pae...
ga a esse pae tão corajoso que
rega o seu filho ao carrego
ga-lhe que a todos os reus
acrescento mais um; o de
como se odeia o proprio
o de desprezar-o como se
criado do carrasco! Dig
meu digno pae, e esperemo
isso possa ter algumas
somno socegado...

— A sua vontade é...
— disse Loyola, — não é
vontade de um moribundo.
Deus é testemunha de que
levar outras palavras ao
graçado amigo...

— Está bem — disse Lanthenay
com um ar solitario; — não
agora. Não fique ao meu lado
ou juro-lhe que, na impen
em que estou de estrangul
o senhor merece, expirada
rosto diante de todo o p
Loyola recuou dois passos
do, em voz alta:

— Meu Deus, perdoe a este
graçado, pois não sabe o que diz!

E a multidão admirou a magn
nimidade do monge.

Lanthenay, depois disso, camin
va com a cabeça baixa, absorto
sua suprema meditação.

De repente, sentiu que poravam
Levantou os olhos, olhou um
no de si, e viu a forca.

Tinha-se chegado á Croix-de
Trahoir!

Lanthenay sorria desdenhosame
te. Diante da morte imminente
elle recuperava toda a sua libe
de de espirito. A imagem do pa
que o atormentava, dissipava-se.

Elle caminhou para a forca, e
disse ao carrasco:

— Trata de fazeres o teu serviço
depressa! Dizem que és muito ha
bil; quero vêr se a tua reputação é
merecida.

Com surpresa de todos os assisten
tes, o carrasco respondeu.

Nunca mestre Ledoux falava no
momento fatal.

Acontecia ás vezes que a con
demnado lhe fizesse um pedido, uma
recomendação, que o injuriasse.
Nunca se tinha ouvido o carrasco
responder o que quer que fosse.

Pois essa vez elle falou.

— Fique descansado — disse elle,
com um certo bom humor: — vou
fazer para o senhor melhor do que
jamais fiz por ninguém.

— Anda, pois, e avia-de!

Nesse momento, resaram os cati
cos de dois ou trez religiosos que
tinham sido prevenidos e que
achavam ao pé da forca.

Mestre Ledoux aproximou-se e
arranjou vivamente a gola do gi
bão de Lanthenay. Para esse ope
ração, elle se collocou entre de
Lanthenay.



ELLA SE DESTACA DENTRE A MULTIDÃO

• Já reparou como os olhares masculinos distinguem uma mulher dentre milhares? Não gostaria de ser essa joven? — Certamente!

Pois, se deseja attrahir assim, aprenda o seu segredo: aprenda a realçar a belleza de seus labios com o baton MICHEL. Dê-lhes o encanto que MICHEL transmite, tornando-os frescos e juvenis. Experimente MICHEL e veja como seus labios se tornam realmente adoráveis!

Michel

OFFERTA ESPECIAL

dos distribuidores:

LUIZ HERMANNY FILHO & CIA. LTDA.

SEC. ATACADO - CAIXA 247 - RIO

* Incluo \$3000 para receber um baton Michel

NOME.....

ENDEREÇO.....

* Indique seu tipo: loiro ou moreno

B 355

8 CORES QUE EMBELLEZAM

BLONDE, BRUNETTE, CHERRY, RASPBERRY, CYCLAMEN, VIVID, CAPUCINE, SCARLET

3 TAMANHOS:

DE LUXO - GRANDE - POPULAR

Para completar o seu "make up" use os demais productos MICHEL: pó de arroz, rouge alibrenne, e cosmetico para os olhos.

A importancia deve ser remettida em vale postal

Lanthenay estremeceu como se recebesse uma descarga eléctrica, quando ouviu uma voz — a voz do carrasco! — murmurar-lhe ao ouvido:

— Não se admire de nada, e abra os olhos! Seu irmão veio!... Ao mesmo tempo o carrasco reclinava, dirigindo-se ao seu principal ajudante:

— Então? — exclamou elle — que esperas, peste do diabo, para experimentar a solidão desta corral?

O ajudante, surpreso — pois essa formalidade, não era habitual — não deixou, por isso, de obedecer menos promptamente.

Suspendeu-se á corda, puxando-a com toda a força.

Ouviu-se um estalo.

O poste cahiu no chão!...

O carrasco deu uma horrível

grita.

Os canticos dos monges ces-

saram...

O coração de Lanthenay palpitava

a ponto de arrebentar o seu peito

— Todos os postes das forcas de

Paris estão podres! — exclamou o

carrasco.

Loyola tinha-se aproximado e in-

clinava-se para o poste, examinando

o ponto em que elle se partira.

Levantou-se dizendo:

— Este poste não estava podre...

Este poste foi serrado...

— Será possível! — exclamou o

carrasco aproximando-se.

Mas já Loyola, dirigindo-se á

multidão e parecendo procurar os

seus inimigos desconhecidos, excla-

mava:

— Mas o condemnado não deixa-

rá de ser suppliciado. Toda a re-

sistencia será baldada contra a au-

toridade da Igreja e a autoridade

do rei!

Então, elle se voltou para mestre

Ledoux:

— Carrasco, leve o condemnado

á forca mais proxima.

— Impossível? — disse Loyola.

— Impossível! — disse Loyola

franzindo o sobrolho. — Por que,

então?

— Porque eu recebi a ordem de

enforcar o prisioneiro á Croix-du-

Trahoir, e não algures. De resto

meu reverendo, o accidente será lo-

go remediado...

— Bem! Quanto é necessario?

— Ah! Apenas o dia. Já está

tarde, poderei recommençar a conversa

com este bravo rapaz, que parece

estar muito contrariado com o

adiamento.

— Carrasco — proseguir Loyola,

— está disposto a obedecer-me?

Veja isto...

O monge mostrou a mestre Le-

doux um pergaminho com o sello do

grande preboste.

— Está bem, meu reverendo —

disse Ledoux. — Estou prompto a

obedecer o Ordene.

— O senhor não pôde enforcar o prisioneiro senão aqui mesmo?

— Não posso, meu reverendo.

Pois tal é a ordem do meu chefe

directo.

— Bem! O senhor vai voltar á

sua casa e lá espere as minhas or-

dens. A pessoa que lá fór lhe mos-

trará o papel que o senhor achou de

vôr. Não obedecerá?

— Sou obrigado a isso, meu reve-

rendo, visto ser monsenhor grande

preboste que o ord. n.º.

— Bem. Dentro de uma hora o

senhor terá minhas ordens. Ocho-

deca logo. Ora, melhor ainda, fique

aqui.

— Esperarei, meu reverendo.

disse o carrasco, estupefacto.

— Guardas! — disse Loyola, —

vigiem attentamente a multidão

durante a minha ausência. Não fogam

sobre quem se quiserem divertir.

— Fique descançado, meu reve-

rendo meu! — disse o carrasco.

Loyola caminhou, então, vivemen-
te, na direcção do palacio do gran-
de preboste.

Seu plano era muito simples.

Para Monseigneur assignar a ordem

de enforcar Lanthenay em qualquer

outra forca que não fosse a Croix-

du-Trahoir. No estado em que elle

estava, o grande preboste assigna-

ria tudo o que se quizesse. Então,

Loyola mandaria levar ou, melhor,

elli mesmo levaria a ordem, e Lan-

thenay seria enforcado.

Não era então um atrezo de uma

boa, quando muito.

Ainda caminhava Ignácio de

Loyola, dirigido-se, a toda pressa,

para o palacio do grande preboste.

Elle caminhava com grandes pas-

sadades na serpente e tortuosa rua

de S. Antonio, pouco mais ou menos

deserta nesse momento, pois o povo

tinha ido toda para os lados da

(continua no pag. seguinte)

O SUOR NAS AXILLAS
compromette a sua elegancia
Elimine-o!



NUM baile, numa reunião elegante
ou mesmo no trabalho, o suor de-
baixo dos braços pôde compromet-
tela seriamente, deixando uma desagradá-
vel impressão. Use, então, um bom desodo-
rante como o Magic. Eliminando radical-
mente a humidade e o cheiro característico
do suor nas axillas, Magic evitará ainda
que seus vestidos se estraguem depressa
com a transpiração excessiva.

Magic é recommendado por scientistas de re-
nome, como os professores Drs.: Aloysio de
Castro, A. Austregesilo, Werneck Machado e
muitos outros. Magic é economico, pois cada
vidro dura seis mezes.

Distr.: Araujo Freitas & Cia.,
Ourives, 88 — Rio.

MAGIC

O ESPELHO lhe dirá



que o certo é corrigir
e não disfarçar
os defeitos
da pelle!

AO levantar-se é que a Sra. deve examinar seu rosto, para avaliar o pouco que adiantam os artificios usados para disfarçar as imperfeições da pelle. Porque a Sra. perde tempo *encobrendo* os defeitos de sua pelle e não os *corrige* para sempre? Comece a usar Leite de Colonia. De manhã e á noite, use sempre Leite de Colonia, e os resultados logo apparecerão. Leite de Colonia é um tonico que limpa, alveja e amacia a pelle, corrigindo todas as suas falhas e imperfeições.



Leite de Colonia



STAFIX é indispensavel para conservar o penteado das Senhoras e Cavalheiros!



BELLEZOL

Com grande resultado:
Rugas, Espinhas, Sardas,
Cravos, Limpeza da Pele,
especialmente.
Conservando sua cutis
sempre sadia e fresca.
Vende-se em todas as Par.
farmacias e Drogarias.
Amostras: — Teleph. 22-6696
Pedidos do interior:
R. Relação, 55, 1.º app. 2
Rio de Janeiro



**Como admira
seus LABIOS!**

Tangee—gradu-
ando-se a gosto,
descobre novo
atractivo

Um baton mediocre pode malograr a beleza de seus labios. Tangee—que é de alta qualidade—descobre-lhe em troca, um novo atractivo. Pondo pouco é cor de rosa. Pondo mais, chega a um carminado intenso. E para um matiz mais vivo, ha o Tangee "Theatrical". Ambos dão um aspecto primoroso e impossivel de obter-se por outros meios.

O Baton de fama mundial.

TANGEE

EVITA A APPARENCIA DE PINTURA

Notas de Arte

SARÃO LITTERO-MUSICAL. — Homenageando a memoria do festejado poeta Amadeu Amaral, o Centro Paulista realizou em sua sede, na noite de sabbado 16 de dezembro, um sarão littero-musical, onde se ouviu a palavra do jornalista e escriptor paulistano Silveira Peixoto e o piano de Mme. Silveira Peixoto, que é a tantas vezes applaudida pianista gaúcha, Odette de Faria.

Silveira Peixoto fez uma interessante e original palestra sobre Amadeu Amaral, dando-lhe a forma de uma série de entrevistas com amigos e contemporaneos do poeta paulista. Processo novo e altamente communicativo. Prendeu a attenção do auditorio, deixando-o magnificamente impressionado.

Através das narrativas dos entrevistados, que foram Monteiro Lobato e outros nomes de intellectuaes da Paulicéa, surgiu a figura sympathica de Amadeu Amaral como a de uma individualidade invulgar no meio litterario pela rectidão do caracter. Se não fossem as referencias biobibliographicas que precederam as entrevistas, dir-se-ia que o conferencista esquecera o poeta para glorificar o homem: o homem recto e bom, o homem de caracter e de coração. Assim é que não reproduziu nem um só poema para caracterizar a obra poetica do vate paulista. Naturalmente entendeu que o invulgar é que era preciso destacar. E destacou-o. Bellos poetas, bons escriptores há muitos não só em S. Paulo e no Brasil, como na America e na Europa, o que falta são os que flicm no talento o caracter, ao valor mental, o valor moral. E Amadeu Amaral, no dizer do conferencista, parece que reuniu as duas qualidades geralmente incompativeis. Por isso mesmo davam-lhe a antonomasia de *Santo Amadeu*...

Puro e bom, o pranteado bardo paulistano teve em Silveira Peixoto o eloquente panegyrista da sua pureza e da sua bondade. A individualidade moral do poeta morto appareceu rediviva através da palavra brilhante e persuasiva do palestrita, fartamente documentada com as informações e os commentarios dos contemporaneos do glorificado. E houve um momento em que o panegyrista impressionou fortemente o audi-

torio commovido: foi quando falou com vigorosos traços os ultimos instantes, a agonia e a morte de Amadeu Amaral, desolada do pranto incessante da esposa inconsolavel, e dos soluços da natureza "que chorou h. chuvas de chuva", nesse nefasto dia 24 de outubro de 1929... Resolvente bella, interessante e viva a conferencia de Silveira Peixoto.

Após a homenagem verbal seguiu-se a homenagem musical. A pianista de escôl que é Odette de Faria interpreton num estilo verdadeiramente bachiato um Corol do mestre allemão João Sebastião Bach; fez-nos sentir todo o encanto do *salero* hespanhol com a *Malagueña*, de Lecuona e acabou brindando-nos com uma linda pequena novidade e foi a composição de Dinorah de Carvalho, dedicada á pianista — *Lá vem uma barquinha carregada de...*. Denos ainda, para satisfazer os ouvidos do auditorio, a festejada peça de Itiberê da Cunha — *Marcha Humorística*.

Precedendo os numeros de musica — entre os quaes figurou como prologo a *Rhapsodia* n. 2 de Liszt, executada pela senhorita Herondina Amaral — falou o sr. Antenor de Castro, dizendo do sarão organizado pelo Centro Paulista e especialmente do valor artistico de Odette de Faria através das opiniões dos mestres veteranos da critica musical — Oscar Guanabarro, Itiberê da Cunha, Arthur Imbassahy, e das chronicas de arte do autor destas linhas.

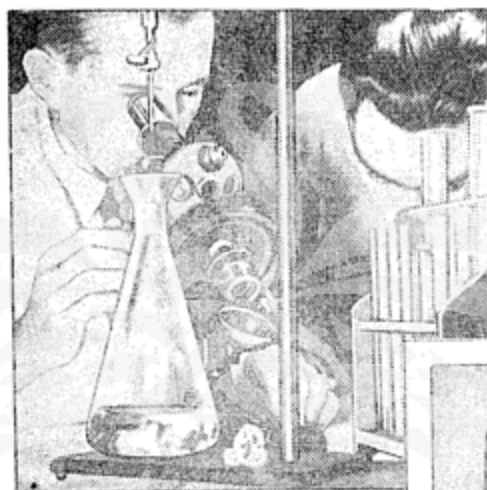
Durando menos de 2 horas, o sarão de arte nos deixou saudades. Queriamos ouvir, ainda, poesias de Amadeu Amaral, como illustração da conferencia de Silveira Peixoto e mais pagos de piano, interpretadas por Odette de Faria. Mas o tempo urgia. O Centro Paulista ia abrir os seus salões para o baile mensal e nós também tinhamos de comparecer ao grande concerto symphonico de Eugen Szenkar que se estava realizando no Municipal. Cesrou a festa e partimos...

Não terminamos sem registrar que conferencista e pianista foram alvo dos mais justos e fervorosos applausos de toda a assistência e de palavras de louvor e agradecimento do dr. Keihl, presidente do Centro Paulista, ao encerrar o bello sarão.

OSCAR D'ALVA

Descoberto no Brasil no principio activo do abacateiro

o mais eficiente
correctivo e
estimulante para
os Rins Preguiçosos!



Longas pesquisas de labora-
torio precederam a desco-
berta do "principio activo"
do abacateiro.

O PROF. J. C. CARDOSO,
lente da Escola Nacional de
Chimica, a quem se deve
a descoberta do "principio
activo" do abacateiro.



PARA as pessoas que conhecem
as virtudes do abacateiro, como
diuretico e preventivo das doenças
dos rins, é facil avaliar o alcance

da descoberta feita pelo Prof. J.
C. Cardoso, do *principio activo*
dessa planta, agora incorporado
à formula do novo Bi-Urol.

Rins que funcionam mal são Rins Preguiçosos!

Si o clima ou a alimentação af-
fectam o funcionamento de seus
rins, tornando-os *preguiçosos*, re-
corra já ao uso do novo Bi-Urol
que, em sua formula concentrada,
contém, augmentadas, todas as pro-
priedades diureticas do abacateiro.
É um preparado absolutamente
inoffensivo que age directamente
sobre os rins, sem causar irritação
ou outros disturbios. O novo Bi-Urol
augmenta a diurese e elimina o
acido urico que produz o rheuma-
tismo, a gotta, o lumbago, etc.
Tambem desinfecta e estimula os
rins preguiçosos, fazendo-os voltar

ao funcionamento normal. Mesmo
para conservar a sua boa saude,
acostume-se — como medida preven-
tiva — a tomar o novo Bi-Urol, todo
mez, pelo menos durante uma sema-
na. O novo Bi-Urol é agradável e
refrescante. Não só corrige, mas tam-
bem previne a *preguiça dos rins*.



SIGA ESTA SIMPLES RECEITA
PARA TER NOVA SAUDE!

DOM.	Não é preciso tomar remedios todos os dias!
2ª	Basta tomar 3 compri- midos de Bi-Urol, 3 ve- zes por semana, em dias alternados — ao deitar.
3ª	Mas faça isso metho- dicamente e o Sr. logo notará uma
4ª	grande me- lhoria. O Sr.
5ª	ganhará nova saude.
6ª	
SAB.	



O Novo BI-UROL

Em comprimidos



effervescentes



LABORATORIOS SILVA ARAUJO - ROUSSEL S. A., RIO DE JANEIRO

SAIBAM TODOS



CATARINA (Capital) — Aqui vai a sua interessante consulta: "Ilmo. Sr. Yves. Desejando-lhe feliz Natal e mil venturas no ano que vai entrar, peço licença para lhe fazer uma perguntinha: Qual a sua opinião sobre a mulher bonita? E sobre a que não sendo bela, é apenas boa dona de casa? Acha que só as belas têm direito a ser cortejadas pelos homens de letras? Desculpe essas tolices, pois embora eu não seja velha nem das piores de cara, sempre quis saber o que os sr., homem inteligente e de gosto apurado, poderia dizer a respeito."

Previno-o de que várias pessoas estão à espera de sua resposta. Portanto, peço não demorar muito a responder, sim? Aceite a admiração da sua "fan" — Catarina."

Resposta:

1º.) — Antes de tudo: agradecimentos e retribuição pelos votos iniciais de sua carta:

2º.) — A felicidade conjugal nasce exactamente do antagonismo de idéas e de temperamento dos conjugues. Do encontro do pólo negativo com o positivo — diria um electricista, metido a literato — resulta a electricidade do amor... Em outras palavras, um homem de letras não faria boa harmonia com uma artista, ou seja, u'a mulher letrada, intelectual... tipo — "femme savante"... Dar-se-ia, fatalmente, o choque entre ambos. Isto é, os fusíveis se queimariam num infeliz curto circuito. E o resultado seria, fatalmente, — ficar tudo às escuras...

Compreenda: a validade ferida, de um lado ou do outro, produziria uma rivalidade surda, inevitável, e o que, mais tarde, se transformaria em odio.

Um homem de letras não deve procurar uma lavadeira, nem uma cosinheira — só para ter roupas bem lavadinhas e excelentes quitutes.

Mas andará bem se procurar u'a mulher de illustração média, que o admire e delle se orgulhe, sem o irritar com a sua sapiência...

3º.) — Falando sobre o assumpto, o dramaturgo francez, Félicien Champsaur disse que o literato devia casar com "uma joven rica, instruida, capaz de auxiliá-lo com a calma e a serenidade necessarias ao seu trabalho e ao desenvolvimento de suas relações mundanas, o que assegurará, certamente, ao seu talento, o triumpho definitivo de que é digno, e que elle não alcançaria, se vegetasse na companhia de u'a mulher apagada e sem prestigio social."

Também está certo, penso eu. Mas nunca deverá escolher uma literata, uma poetisa, uma artista, que se tornasse invejosa de todas as homenagens tributadas ao seu illustre marido... Assim, a escolha de uma boa esposa é um problema de coração e de observação psychologica...

4º.) — Um poeta francez, o notavel Pannard, definiu o caso em apreço numa synthese perfeita, quando escreveu estes versos philosophicos:

"Plus de douceur que de beauté
Me semble aux femmes nécessaire..."

Pour être heureux, il faut avoir
Plus de vertu que de savoir...
Plus d'amitié que de tendresse
Plus de conduite que d'esprit,
Plus de santé que de richesse,
Plus de repos que de profit..."

5º.) — Em resumo, direi: a meu ver, a vida ideal é a que resulta da seguinte fórmula philosophica:

Douçura	Beleza
Intelligencia	...
Personalismo	...
Belleza	...

MARTHA (S. Paulo) — É com satisfação que agradeço e retribuo o seu amavel cartão de boas festas e de votos de prosperidade no proximo anno vindouro.

WANDA (Estado do Rio) — Não deixo de ser curiosa a nota que v. ex. appõe á sua carta de — "inconstante leitora". É, pelo menos, sincera, e não fór humoristica.

A tendencia é para que todos sejam "leitores constantes"... Mas, v. ex. quer ser "inconstante"... Não é logico, mas é verdade... Tanto melhor!

Dahi a razão por que lhe quero desejar as mesmas felicidades que me deseja neste mez de Natal e em 1940. As boas lembranças vêm sempre quando os não esperamos, e partem sempre daquelles que nos são mais "inconstantes"...

É a vida!

DE QUEIROZ (Capital) — Lemos a sua missiva saborosa... O sr. escreve com uma ingenuidade de menino de 1830 que, já de bigode, ainda enfiava o dedo na boca (ou no nariz?) para exclamar: "Papai, eu só queria ser poeta..."

Mas, vamos á sua carta:

"Sr. Yves. Saúde. Há muito tempo já que tomei o propósito de lhe faser uma consulta. A poesia modernista, que o sr., num dos números recentes de "Fon-Fon", disse já ser passadista, tem para mim um sabor tão agradável que eu desejaria que o sr. me dissesse os nomes dos pioneiros desse movimento literário para reverenciá-los. Os poematos sobre os quais peço a sua atenção e opinião são (desculpe-me o excesso de ão) os meus filhos mais jovens e o sr."

(Conclua na pagina 41)

"SAIBAM TODOS..."

é a secção informativa dos leitores de Fon-Fon. Ella se propõe a auxiliar os que necessitem de uma informação preciosa. É um guia do leitor, especie de "vademecum", destinado a consultas rapidas e uteis.

Endereço — Rua Republica do Perú, 62 — Caixa Postal 97 Telephone: 22-4136 Rio. — Toda e qualquer correspondencia referente a esta secção deverá ser dirigida a Yves nesta redacção, acompanhada do coupon da pagina ao lado.

COUPON

Data da consulta

Nome do consultante

81 - 12 - 939

PARA RIR...

Um homem vindo do campo queria passar uma semana no Rio, mas não encontrou um só lugar em nenhum dos muitos hotéis que percorreu: todos estavam cheios. Por fim, depois de andar o dia todo, chegou a um pequeno hotel de muito boa aparência e soube que estava quase vazio.

— Felizmente — disse ele — vou ficar aqui. Diga-me quanto pagarei por uma semana de alojamento.

O criado gaguejou e disse: — Eu não sei; vou perguntar ao gerente.

— Então você não sabe qual é o preço de uma semana no hotel onde trabalha? Não tem cobrado de outros hóspedes?

— Não, senhor, porque não houve nenhum que ficasse aqui tanto tempo...

— Amas-me, querida?

— Sem dúvida que sim, Henrique!

— Henrique?! Eu sou Samuel.

— É verdade; eu pensei que hoje fosse segunda-feira!

Hardman conta-nos a seguinte história a respeito de Tennyson:

O grande Alfredo não falava o francês e seu irmão o falava muito imperfeitamente. Os dois hospedaram-se em um hotel na grande Paris. Uma manhã, Frederico Tennyson desceu antes do irmão e disse ao criado:

— Prenez garde de ne pas laisser sortir le feu.

(O que ele pretendia era que não deixassem o fogo extinguir-se na lareira).

Mas sua má pronúncia complicou o seu detestável francês e o criado compreendeu isto: "Prenez garde de ne pas laisser sortir le feu". E tomou todas as providências para que o segundo hóspede não saísse. Nisso chegou Alfredo Tennyson, que com seus modos bohemios parecia um lunático; quiz sair, mas o empregado fiel às ordens recebidas, dissuadiu o poeta com palavras mansas, próprias para convencer doidos. Tennyson fez cena, berrou, mas os outros criados chegaram em socorro do primeiro e o suposto louco só conseguiu sair quando o irmão voltou do passeio...



Um Presente finíssimo

ORVERT
MYRTA RIO 14

Pó de arroz
ORVERT
UM PRODUTO DOS
FABRICANTES DO AFAMADO
SABONETE **Eucalol**

BRASIL



O Standard F. C. promoveu, nos salões do Botafogo F. C., um chá paulista em homenagem aos seus colegas de São Paulo, e que alcançou brilhante êxito mundano.



ESCOLA BRASILEIRA DE SÃO CHRISTOVÃO

AS alumnas da Escola Brasileira de São Christovão que acabam de concluir o curso naquella conceituada educandária promoveram, em rigoroso respeito pela sua formatura, varias solenidades entre as quaes uma missa em acção de graças, celebrada na igreja de S. José.

As nossas photographias focalizam alguns aspectos colhidos por occasião dessa cerimonia religiosa.

SOCIEDADE DE BIOLOGIA DO RIO DE JANEIRO O INTERVENTOR FEDERAL NO PIAUHY



FLAGRANTE do professor Raul Leitão da Cunha, reitor da Universidade do Brasil, ao fazer a entrega do premio da Sociedade de Biologia do Rio de Janeiro, instituido pelo professor Abdon Lins, ao doutorando Osvaldo Paulino.



O interventor federal no Piauí, dr. Leonidas de Mello, acompanhado de sua exma. esposa e filha, ao embarcar, em avião de carreira da Condor, de regresso a seu Estado.

PARFUMS

EXTRACTO
Nº 1550
Nº 1552-16L

EXTRACTO
Nº 1550
Nº 1552-M

LOÇÃO
Nº 1520

COLONIA
PEQUENO Nº 1500
MÉDIO Nº 1501
GRANDE Nº 1502

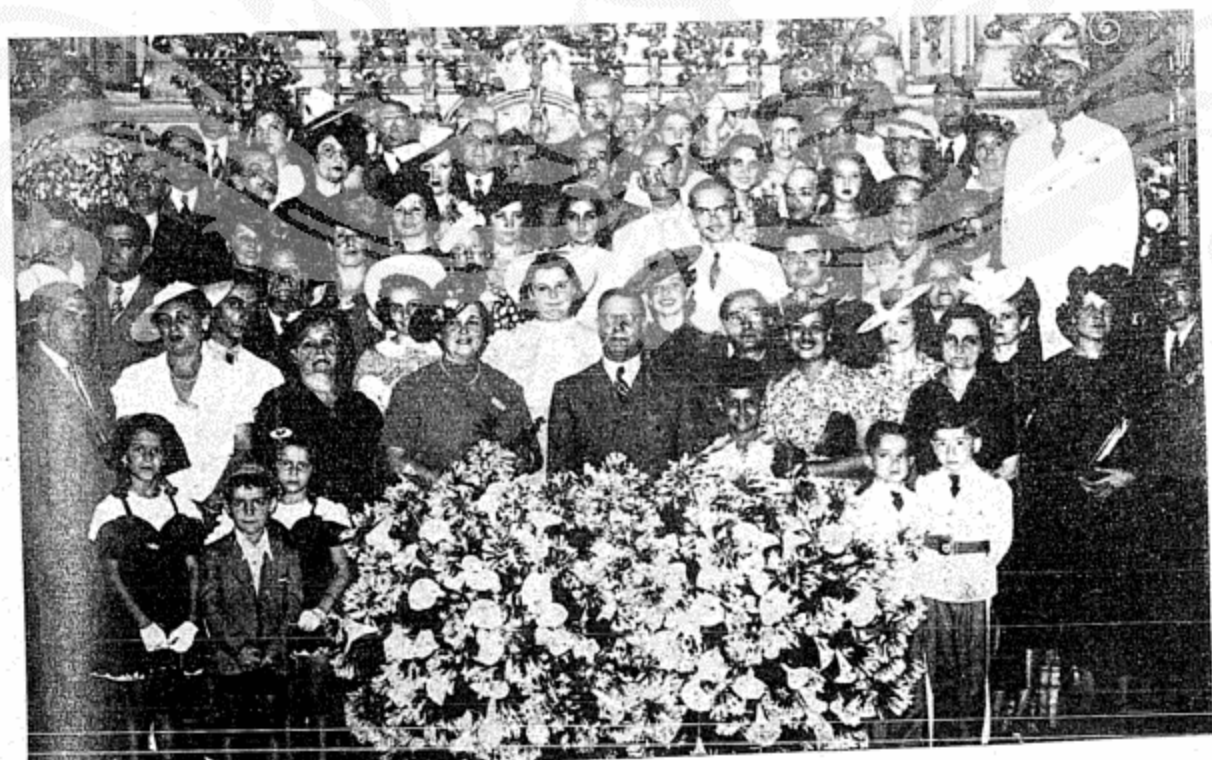
BRILHANTINA
Nº 1512

PO DE ARROZ
Nº 1550

Revele Rosa
DE GALLY

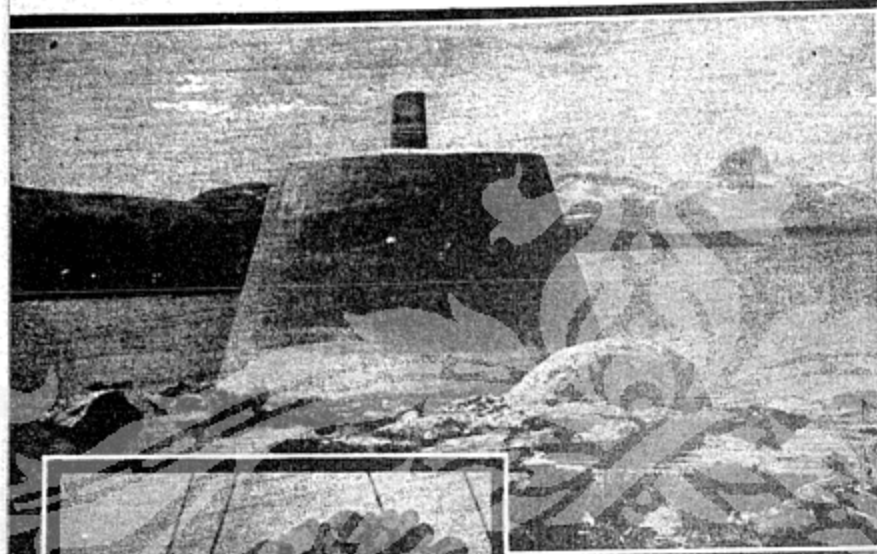
E' O SONHO CÔR
DE ROSA DOS PERFUMES

DISTRIBUIDORA:
PERFUMARIA LOPES
RIO - S. PAULO



O casal Joaquim Neves Barata-d. Carmen Gomes Barata, festejando a passagem de suas bodas de prata, reuniu, no dia 12 do corrente, em sua residencia em Botafogo, as pessoas de suas relações. No mesmo dia, a senhorita Carmen Gomes Barata, filha do casal, contractou casamento com o dr. Dario Tracanella. A photographia que acima publicamos focaliza um aspecto dessa dupla festa, que decorreu num ambiente de grande emotividade.

A invasão da Finlândia



AS photographias desta pagina focalizam, no alto, o marco que determina a junção das trez fronteiras: norueguesa, sueca e finlandeza; ao centro, um carregamento de madeiras — a grande riqueza da Finlândia; em baixo, uma vista do grande hospital de Helsinki. O mappa, á direita, nos dá uma idéa precisa da região da Europa, que se estende do Baltico aos Balkans, com as modificações recentemente operadas pelo desaparecimento da Polonia, e a situação exacta da Finlândia, na carta europeia.



ANNO XXXIII
NUMERO 52

Director :
SERGIO SILVA

Rio de Janeiro,
30 de Dezembro
de 1939



THEATRO DO ESTUDANTE

HA', no momento, duas intelligencias dynamicas, entre nós, que fazem jús aos applausos da intellectualidade brasileira: Ari Barroso e Paschoal Carlos Magno. Nem é preciso accentuar o papel que esses dois espíritos creadores vêm desempenhando em proveito da cultura da mocidade estudiosa e das massas populares. Mas, por que reûno, aqui, esses dois nomes em fóco? E' facil explicar.

Ambos estão agindo em sectores diversos. A finalidade de um e de outro, porém, é a mesma.

Si o famoso *speaker* selecciona valores artisticos, através do radio, Paschoal Carlos Magno levou á Casa do Estudante do Brasil uma idéia que é hoje uma victoriosa iniciativa: o Theatro do Estudante.

* * *

Tendo surgido, há um anno, precisamente, com a tragédia de Shakespeare, *Romeu e Julieta*, — representada por universitários, o Theatro do Estudante deixou de ser uma simples experiência para se afirmar uma realização admirável.

Notemos que o primeiro espectáculo dos estudantes teve dentro e fóra do paiz, uma repercussão estupenda. A imprensa nacional, como a estrangeira, foi pródiga em comentarios elogiosos á iniciativa do escriptor Paschoal Carlos Magno e da Casa do Estudante.

Um jornal de Buenos Aires chegou mesmo a suggerir a idéia proveitosa de que a classe estudantil argentina deveria imitar os seus collegas brasileiros.

Optimo! Optimo e consagrador!

* * *

Sem dúvida alguma, essas palavras de estímulo, mais e mais, encorajaram os universitários do Brasil, no sentido de que levassem avante a idéia posta em execução, de modo tão animador. E o resultado ahí está. Elle ahí está, patenteado no successo retumbante que foi a representação de *"Leonora de Mendonça"* e dos *"Romanescos"*, no Municipal.

* * *

Há tempos, Alvaro Moreyra, que é uma mentalidade vigorosa, andou agitando os nossos meios theatraes com o seu interessante *"Theatro de Brinquedo"*.

Foi uma temporada brilhante, essa do *"theatro de blague"*, dada a sua originalidade, a sua graça inimitável e o seu alto cunho mundano.

Essa iniciativa não passou de um movimento reaccionário, tendente a modificar a estrutura do theatro nacional. Por isso mesmo, foi, sem o querer, o movimento precursor desse que se processa actualmente e do qual acaba de surgir o Theatro do Estudante. Theatro que, aliás, parecia ser o verdadeiro *"Theatro de Brinquedo"*...

Já agora, porém, em face da consagração que obteve, tudo nos leva a crêr que o do Estudante não é senão um theatro de verdade. E' — antes de tudo — um theatro bem a sério, e que deve, por taes razões, ser encarado com a maior seriedade, pelos artistas e os homens de boa vontade.

BASTOS PORTELA



encontrar-nos-emos no Foukés, as sete horas. Está bem assim?...

— E' que... minha mulher me espera aqui velho — respondeu Beltrán. — Sempre junto a ella...

— Mas uma noite... Telephona-lhe. Convida-lhe que não vae jantar com uma pequena qualquer, mas commigo. Poderias trazê-la, mas elle se aborreceria muito ouvindo minhas historias. Então não podes deixar de jantar um dia com a mulher? Ella te baterá quando voltares para casa?

— Não. E' claro que não.

— Então, ficamos combinados? A's sete no Foukés. By-bye...

Carlos fechou a porta, abriu-a de novo, sacudiu a cabeça.

— Podes jurar-lhe por tua honra que te envolve-rei ás dez e meia...

A partir das onze ella terá direito de esperar-te atraz da porta com uma vassoura...

— Idiota! — disse Beltrán, rindo.

Depois vae ao telephone, disca o número. E' Elisa quem responderá, sem dúvida. Não; é a propria Yvonne. Elle, diz, apenas:

— Alô!

E ella responde suavemente, ternamente, melosamente:

OS chamados telephonicos succedem-se, a secretaria traz á firma a correspondencia, ha ainda trez pessoas que esperam no corredor para ser recebidas.

— Escuta — disse Carlos: — jantaremos juntos. Será o mais simples. De outro modo não disporei de tempo para explicar-te todo o negocio. Combinado?... Jantar de solteiro. Vou fazer uma ou duas cousas mais que tenho a fazer e depois te apanharei ahi. Dentro de meia hora. Ou melhor:

— Alô! E's tu?...

— Sim, querida... Para dizer-te que esta noite não vou jantar em casa...

Do outro lado, no extremo do fio, Yvonne repete:

— Ah!... E's tu, Beltrán?...

Mas já com outra voz. Uma voz amavel, bem entendida, bem mudada. Digamos as cousas como são: uma voz decepcionada. No primeiro momento, Beltrán não prestou maior attenção. Pensa que Yvonne está aborrecida porque elle não

vae jantar em casa, porque ella terá que jantar só...

Recomeça seu trabalho. Assigna a correspondência. Recebe as pessoas que o esperam ha tanto tempo e que devem ser amolantes... E é justamente emquanto recebe essas pessoas amolantes que volta a pensar no chamado telephónico. Evidentemente, Yvonne se aborreceu por causa do jantar. Elle sempre foi tão pontual, assíduo, amoroso...

Mas, de qualquer modo, que differença de tom entre aquelle: "Alô! E's tu?..." e o que veio depois... immediatamente depois. Ah! Lembrava-se nitidamente. Ella, logo a seguir, lhe dissera: "Ah! E's tu. Beltrán?" Logo, Yvonne não pensava que era elle... A quem estava, então, destinado aquelle termo: "Ah! E's tu?"...

Medita. Ella reconheceu sua voz, e immediatamente. Sobre isso não havia dúvida. Em seguida pensa que isso não está certo. Sua voz, ao telephone, ella não conhece. Como poderia conhecê-la? Nunca falaram pelo telephone. Elle só está em casa nas horas de almoçar e jantar. Não se demora nunca. E' um marido exemplar. Quando parte em viagem a leva consigo. Por assim dizer, elles nunca se separaram. Como é possível, então, que ella conheça sua voz pelo telephone? Mas, se não a conhece, em compensação conhece outra, que se parece com a sua. Outra voz, á qual disse, ternamente, amorosamente: "Alô! E's tu?" Mas, a voz de quem?...

Quer reagir. Diz que está louco. Yvonne o ama, tem certeza. Ella o adora, como elle a ella. Suas suspeitas são injustas, odiosas. Mais ainda: degradantes para elle, para ella, para o amor que têm um pelo outro. Elle o sabe, mas o sabe como se sabe que se tem uma dor de dentes.

Afinal, já terminou seu jantar! Regressa. Yvonne está ouvindo o radio. Sentada em sua cadeira familiar, lendo e fumando com os gestos de todas as noites. Elle sente como que alento reconfortante, de renovação de sua felicidade. Não! E' estúpido haver imaginado sabe Deus que cousas!...

Tem vontade de confessar-lhe tudo. Mas pensa que se aborreceria, que se produziria alguma dor. E' quasi involuntariamente que pergunta:

— Conheceste minha voz no telephone?

Ella tem um riso breve, em que ha um pouco de inquietude! Elle o sente como quem esperasse, no mesmo instante, um riso mais franco, mais sonoro.

— Claro que sim... Ora! E's original!...

— Não sei... Deste-me a sensação de surpreender-te quando te disse que era eu... Disseste: "Ah, és tu?..."

— Eu estava mesmo junto ao aparelho...

— Não sahiste hoje?

— Sim. Mas voltei cedo. Por que?...

— Por nada.

— Mas, que tens? Por que fazes essa cara? Meu pobre amigo, não fica bem jantares fóra...

E haveria outras perguntas a fazer, elle o sente, mas não sabe quaes.

Deitam-se. Beijam-se como todas as noites. Ficam unidos, abraçados... Mas ha qualquer cousa entre elles...

Passase um dia. Passam-se dois. Beltrán não pensa senão nisso. Sempre, sempre no ouvido, esse termo: "Alô, és tu?", languido e suave como a tarde de um bello dia.

Até esse momento elle não sabia o que era uma obsessão. Agora sabe que é uma cousa magnifica para enlouquecer. Responde equivocadamente no telephone, reprehende a secretaria, procura fixar a attenção em mil cousas e não o consegue em nenhuma. Então, no terceiro dia, por volta das seis e meia, toma o telephone, discar o número. Seu coração pulsa tão rapidamente, que parece falar mais forte, mais seguro, mais alto que sua voz.

— Alô!

— Alô! E's tu?

— Sim...

— Escuta, meu amor: esperei-te durante uma hora. Por que não vieste? Poderias ter-me telephonado esta manhã, ao menos...

— Querido, que tens? Ainda me queres? Dize-mo, querido... Responde-me... Oh! Estou tão inquieta... Além disso, meu marido já não é o mesmo... Não sei o que tem elle... Dir-se-ia que suspeita de alguma cousa... Querido... Dize-me algo... Tranquilliza-me... Sou tão desgraçada!...

Beltrán desliga o telephone. Está desalentado. Olha para o chão como se pensasse ver nelle o que resta de seu amor: pedaços...

Que fazer? Matá-la? Elle não é um heróe de novella. Nem de policiaes. Divorciar-se, transformar-se em um só, depois de ter sido dois?

— E o correio, senhor? Se não fosse incommodo, poderia assignar a correspondência — disse a secretaria. — Receio perder o trem...

Então porque soffria Beltrán iria impedir sua secretaria de regressar a tempo a sua casa, em bairro distante?

Nas historias de amor decepcionado, de adulterio,

o marido enganado ou o amante infeliz vaga todas as noites nas ruas desertas. Beltrán não pode sequer fazer isso: tem seu automovel.

Ali está sua rua, sua casa. Dois minutos depois se encontra deante de Yvonne, sorridente e trágica ao mesmo tempo. Esforça-se em parecer tranquillizada e é quasi doloroso ver o nervoso em que está. Põe-se a rir ao ver a expressão delle.

(Conclue na pag. 42)

— 17 —

Voz do...dono...

Conto de Odette Pannatier

— Sim... E que tem isso?...

— Depois... nada.

Ha um silencio. Muitos silencias. Silencias cheios de amor, silencias cheios de inquietude, silencias cheios de odio. Este é pesado, torpe: um silencio para o qual não se encontra uma palavra susceptivel de rompê-lo.

E' Beltrán que o rompe, no emtanto:

— Não esperava que attendesses. Habitualmente é Elisa quem vae ao telephone...



O velho NOEL

Conto de Lithchenberger

FAZ um frio terrível. Gelo por toda parte. O rebanho branco dos flocos de neve rodopia no ar. Um vento glacial geme pelos campos e vem sacudir a cobana da

paiz que ninguém conhece. Mas as janelas fechadas são sólidas. A lareira crepita. Com os olhos semi-cerrados, um gato resomba enroscado na poltrona. O dono da casa ainda não chegou.

Bruscamente, a porta se abre e torna a fechar-se. O vento geme mais forte, indignado por não poder entrar. O gato entreabre os olhos. O velho que entrou tira dos ombros o grande sacco vazio. Tira o gorro e o manto cobertos de neve. Troca os sapatos por uns confortáveis chinelllos de lã. Retira, docemente, "Mimi" da poltrona e colloca-o sobre uma almofada, onde elle continua a dormir. Depois, o velho atira mais um pouco de lenha ao fogo e há no aposento uma alegre dança de chaminés. Senta-se, então, na poltrona, accende o cachimbo, e absorve, pensativo, contempla o baile da lareira...

Lá fora, cõe a tempestade, cada vez mais forte. Mas, de repente, sae do fogo uma voz, ou antes, um murmúrio:

— Hem!

O velho toma um ar carrancudo. E' que percebeu o que outros não poderiam ver. A cavallo, sobre uma acha, um ser disforme contempla, com ar de desafio, o rosto do velho, e resmunga:

— Imbecil!

Noel dá de hombros, tira uma baforada do cachimbo, e diz:

— Detestável Pessimus, será possível que até hoje, dia do meu aniversário, venhas perseguir-me com os teus sarcasmos?

O sujeitinho dança sobre o fogo, e responde:

— Pobre idiota! Tua demencia irrita-me. A mim, que sou, embora não acredites, o teu melhor amigo... Haverá mais absurdo para um homem que, embora sem ser velho não está mais na primeira mocidade, ir assim, todos os 25 de dezembro, passear pelas chaminés, para esvaziar nellas um sacco de brinquedos?

O velho Noel sorri. Enche devagar o cachimbo, e não responde. O sujeitinho continua:

— Que ganhas com essa mania? Saes bem disposto e voltas morto de frio e de consaço. Dás tudo e nada recebes! Não passas de um vagabundo.

Noel replica, por fim:

— Volto muito mais rico do que parti!

— Que trouxeste?

O velho mostra uma caixa que tem sobre os joelhos. Uma caixa contendo fumo, com o qual enche o cachimbo. E responde:

— Isto.

Pessimus solta uma gargalhada:

— Isto?...

— Sim. Sob este fumo há o chamado "pó da felicidade". Recolho um pouco d'elle em todas as casas onde deixo um presente. Na volta, a minha caixa está cheia e tenho com que fumar o anno inteiro.

Pessimus faz uma horrivel careta, e replica:

— Então, é por causa de um pouco de pó e de alguns agradecimentos que tens todo este trabalho?

O velho sorri, dizendo como se falasse a si mesmo:

— Amo a gratidão de todos os coraçõezinhos alegres, os canticos argentinos com que me acolhem, as pequeninas mãos que me abençoam. No entanto, recolheria este pó, mesmo que não houvesse nada disso.

— Estás caducando! Nem sabes mais o que dizes...

— A minha felicidade — continuou o velho — é feita da felicidade de todos. Ninguém pode ser feliz por mim, com que eu o seja também. Pela alegria que semeio. Minha ventura é tão grande como a de todos os homens.

O sujeitinho da chaminé dá um pulo como se tivesse sido picado por uma cobra, e, tomado de furor, pôz-se a saltar, proferindo injúrias e ameaças. Mas, de repente, o velho Noel dá-lhe um grande empurrão. Um turbilhão de pó envolve o aposento. O gato acorda miando...

Depois, tudo serena. No fogo da lareira há, apenas, agora, um crepitar alegre.

Então, o velho, commodamente installado em sua poltrona, pôz-se a fumar o seu cachimbo, saboreando a alegria de todos, que é, também, a sua propria alegria...

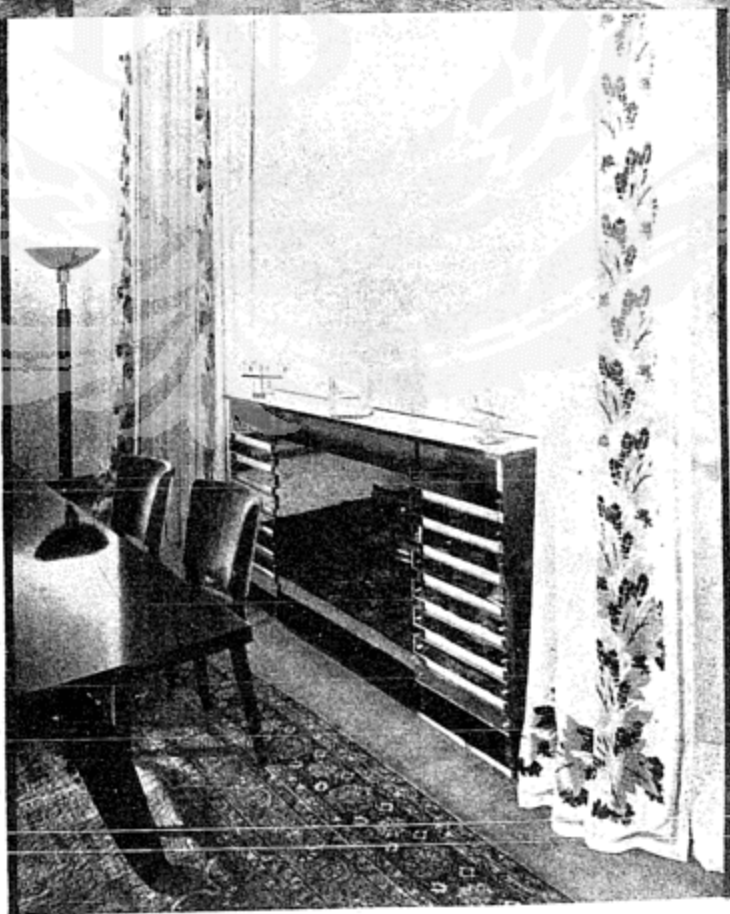


DOIS bellos aspectos de
sala de jantar, em
estilo moderno, salien-
tando-se, como detalhe
interessante, o fogão, re-
vestido de espelhos, for-
mando consólo.

FON - FON

30 - 12 - 939

— 19 —



Interiores



Em cima, á esquerda: duas phases da formação do espirito, ante a machina photographica; a principio, trata-se apenas de uma "bolsa de ectoplasma", que, depois vae tomando forma humana.

A' direita: photographia de um espirito notavel pela nitidez, e que foi reconhecido pelo casal como sendo uma parenta fallecida ha annos.

Em baixo: photographia de Sir Arthur Conan Doyle, na qual aparece o espirito de seu fallecido filho Kingsley. Depois da morte de Sir Arthur, sua "impressão" appareceu junto á photographia de uma senhora que nunca o tinha visto.



Espíritos photographados?



EM 1881, seis annos antes de apparecer a primeira historia de Sherlock Holmes, Sir Arthur Conan Doyle tornou-se espirito. Quando falleceu, em 1930, legou a seu filho, Denis P. S. Conan Doyle, uma grande collecção de photographias que elle affirmava serem retratos de espiritos.

Publicamos aqui, a título de curiosidade algumas das pho-tos da collecção Conan Doyle, sem, no entanto, discutirmos a questão de serem ellas verdadeiras ou, apenas, méros "truccs" photographicos.



No COLLEGIO da IMMACULADA CONCEIÇÃO

FOI uma festividade encantadora a que se realizou, na poucos dias, no Collegio da Immaculada Conceição, por motivo da terminação do curso gymnasial de numerosas alumnas daquelle conceituado educandario. Uma missa em acção de graças, celebrada na Igreja de N. Senhora da Conceição, deu inicio a esse lindo festival escolar, de que estampamos alguns aspectos, vendo-se, destacada, uma das alumnas mais brilhantes da turma, a senhorita Maria de Lourdes Glucks Mesquita Lima, querida sobrinha do dr. Forjaz Coutinho.



Senhorita Jocyler Carvalho Rende,
que se casou com o tenente
Manoel Velho.



Senhorita Laurinda Fontes, que se
casou com o sr. Atalio Fernandes
Nunes Filho.



Senhorita Celina Gon-
rêa, que se casou com
o sr. Damião Teixeira
Pinto.

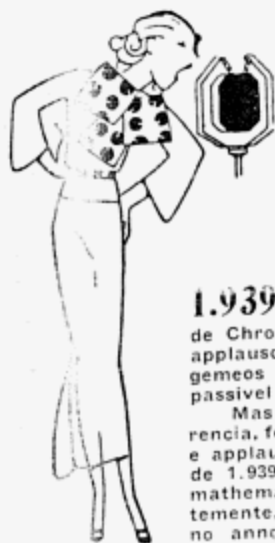
(Photos Edmond, Plus
Ultra e Jerry).

FON - FON

30 - 12 - 939

— 22 —

Wavy



PR1 FON FON

FELIZ 1.940...

1.939 está vivendo as derradeiras horas da sua vida agitada... Como todos os seus irmãos gêmeos do calendario, este escravo mechanico de Chronos terá o destino irremediavel de Jesus: depois das bênçãos e dos applausos — as maldições e os apódos... E 1.940, igualzinho aos seus irmãos gêmeos do calendario, será mais um irreprehevel escravo da ironia impassivel de Chronos...

Mas a Humanidade, dentro do seu programma de irreprochavel coherencia, festejará o nascimento da nova e innocente victima, por entre bênçãos e applausos... Aguardará, afflictivamente alegre, as doze badaladas mortaes de 1.939... E desrecalcará o seu oceano de tragedias intimas, no instante mathematico da hora zero de 1.940... E fará o mesmo, ainda coherentemente, em 1941, em 1.942 até 1.999... Sim, porque talvez não o faça mais no anno seguinte: o Apocalypse, livro final da Biblia, annuncia para o anno 2.000 o fim deste grande mal-entendido chamado Mundo... Mas isto não impede, naturalmente, que os povos continuem sonhando com a hegemonia absoluta da terra...

Em todo caso, neste vertiginoso entre-acto de tranquillidade universal, a Humanidade dará expansão aos seus impulsos de amor... Eu aproveito o ensejo para desejar um Anno Novo feliz à grande familia radiophonica de Brasil.

ALZIRO ZARUR



1 — Hermogenio Rangel é o secretario do novo e interessante semanario especializado com que conta, agora, o "broadcasting" carioca: "Jornal do Samba", que circula regularmente às quartas-feiras. 2 — Ignécia Falcão, a graciosa estrelinha de nossa musica popular, é uma das atrações do queridissimo "Piccolino", de Barbosa Junior. 3 — Livia Magna é a distincta fundadora e "speaker" do actual programma feminino da Transmissora, intitulado "Da mulher, para a mulher e pela mulher": um cartaz carinhosamente apresentado às terças e sábados, das 17 às 18 horas. 4 — Milton de Oliveira, um dos festejados compositores do "broadcasting" carioca, está firme para o carnaval de 1940 com varias composições, feitas de parceria com o fecundo Haroldo Lobo, e às quaes o publico vem dispensando uma acolhida franca.

VARIAS

O conto das respostas de todos os entrevistados pela nossa "enquete" — "Que é o radio: factor de educação ou diversão?" — será iniciado, em varias reportagens, a partir da primeira quinta-feira de janeiro no victorioso "Cine-Radio Jornal" de Celestina Silveira. Adoptaremos o seguinte processo: em cada reportagem, que terá por titulo uma das perguntas do questionario, serão transcriptas todas as respostas dos entrevistados, favoraveis e desfavoraveis ao assumpto em foco. Será feita, então, a somma das respostas favoraveis e das respostas desfavoraveis, em forma de votação a descoberto... O trabalho é in-

teressantissimo, e provará como as opiniões variam... Aguardem, pois, o inicio das reportagens, na primeira quinta-feira de janeiro, no brilhante semanario "Cine-Radio Jornal".

O Natal dos pobres da PRA-9, promovido pelo sr. Edmar Machado, o prestigioso director da Radio Mayrink Veiga, teve o mais bello dos successos. A festa no Theatro João Caetano e a distribuição de brinquedos, no edificio da emissora, constituiram dois legitimos acontecimentos radiophonicos, realçados pela nobre finali-

dade caritativa que os promoveu.

Um "furo" que vai entristecer, por certo, a todos os fans de Saddy Cabral: o admiravel director da "Ribalta do Espaço", do "Programma Casé", embarcará para Portugal, logo após os festejos carnavalescos, onde occupará o honroso posto de actor da "Companhia Rey Collaço". Antes, no emtanto, apresentará aos fans da "Ribalta" uma burlet-carnavalesca em episodios no mesmo estylo de "Florisbella", intitulada "Os balangandans da Jú-jú"...

A "Sono-Films" está concluindo o seu novo filme de carnaval, que tem o titulo "Laranja da China". Dentro de pouco tempo, os radio-fans poderão ver, numa das telas da Cinelandia, os seus "astros" predilectos...

O redactor de PR1-FON-FON recebeu votos de boas festas e feliz Anno Novo (além de felicitações, por motivo da passagem de seu anniversario natalicio) de muitos companheiros de radio e de muitas fans gentilissimas, cujos nomes guarda no coração. Retribue sinceramente, mais uma vez, esses votos, e os torna extensivos a todos os seus bondosa ouvintes.



UM THEATRO ORIGINAL

"NOVIDADE!" — eis o grito da platéia, seja do cinema, do teatro ou do rádio! A sensação do "algo de novo" é a essência dos grandes sucessos dos empreendimentos artísticos. E' por isso que o rádio deve ter por divisa "apresentar sempre alguma coisa diferente do trivial".

O "Theatro Sherlock" do querido "Casé" se consagrou porque é um teatro original, no ambiente radiophônico do Rio. Satisfaz o anseio da platéia, que aprecia nelle o unico programma policial do nosso "broadcasting". E, que aprecia nelle o unico programma policial do nosso "broadcasting". E, que sou fan do citado theatro radiophônico, desde a sua primeira transmissão, posso dizer, sem ilsonja, que a alma do mesmo é o seu elenco homogeneo tão querido. E Alziro Zarur, com a sua voz calma e bem timbrada, corresponde ao tipo do quasi lendário e flegmático Sherlock Holmes, que povoa de sonhos, de geração a geração, a mocidade ávida de aventuras de mysterio. Quem não vibra com os famosos contos de Conan Doyle, cheios de admiráveis deducções, dentro de uma logica de ferro?

Como programma de radio-theatro, o "Theatro Sherlock" é synthetico e original. Em meia-hora, o enredo se desenvolve e chega ao desfecho. Para o dynamismo do seculo, esse processo é ideal. E, ao ouvirmos as peças ansiosamente esperadas, parece que estamos em Londres, por um effeito imprevisto de sub-consciente... Acompanhamos attentamente as investigações do detective incansavel, que se expõe ás mais arriscadas aventuras, pelo prazer de ver o bem triumphar... E tudo isso sem nos levantarmos da poltrona, em que burguezmente nos installamos nesses domingos ensolarados em que o rádio e a leitura nos prendem a attenção. E a nossa imaginação, como um "écran" maravilhoso, sem expediente como o doutor Watson, se rejubila ao ver que "A cara amarella" não é nenhum malfetor oriental; que "O roubo do diamante azul" foi praticado apenas para salvar a reputação de uma dama da alta sociedade...

MATHILDE GARÓFALO

Rua Marquessa de Santos, 32 (casa 10).



ORDEM E PROGRESSO...

O "Theatro Sherlock", a brilhante iniciativa de Heloisa Lentz de Almeida, Alziro Zarur e Ademar Casé, talvez por explorar um genero inexplorado pelo radio-theatro das nossas emissoras, agrada aos fans de todas as idades. Conheço velhos, senhoras idosas, jovens de ambos os sexos, e até crianças que não perdem as transmissões policiais do "Programma Casé".

Entretanto, como se trata aqui de expender uma opinião, sincera quanto possível, vou dizer o que penso do popular empreendimento radiophônico. A verdade é que tenho, a par de um elogio innegavel, algumas restricções bem francas.

Ouvindo-se com attenção, o que se nota é certo descuido imperdoavel por parte dos responsaveis pela apresentação do "Theatro Sherlock". Ouço, ás vezes, vozes extranhas aos dialogos, em conversas que perturbam a irradiação... E os conversadores, de quando em quando, não contêm umas risadinhas inoportunas, a tal ponto que isso irrita os ouvintes, attentos ao desenrolar dramatico das sequencias imprevistas... Finalmente, sem sempre a scenophonía é bem realizada: os ruidos chegam atrasados, ou fóra de proposito...

E' claro que faço estas observações com o intuito de beneficiar um programma admiravel, que deve merecer mais carinho de todos os seus componentes. Estes são figuras brilhantes, e não devem ser prejudicados no seu proprio trabalho. Mais ordem, mais interesse, mais cuidado, e o "Theatro Sherlock" será um dos mais notaveis empreendimentos do rádio brasileiro de todos os tempos.

MIGUEL HALABI

Rua Hilario Ribeiro, 42.

FON - FON

FIM...

TERMINA, hoje, o curso que FON-FON... aos radio-fans de todo... O sucesso que obteve... ante longos mezes, com... os nossos esforços... correspondencia enorme... chegou, ininterrupta... da Capital e dos Estados... o melhor testemunho... to confortador. Aos... fans, a nosso sincero "muito obrigado!"

Seguindo, porém, o que nos traçamos — off... ao publico uma secção... nica honesta, variada... interessante — vamos apresentar, em janeiro proximo, um novo e palpitante concurso, dedicado exclusivamente aos fans.

Aguardem, pois, o proximo concurso de FON-FON, que interessará mesmo áquelles que não concorrem. E não se esqueçam daquelle "slogan" que anda em todos os receptores: "Ler FON-FON é dar prova de bom-tom"...



Heloisa Lentz de Almeida.

ULTIMAS MENÇÕES HONROSAS

OBTIVERAM as ultimas... ções honrosas, no co... desta pagina, os seguintes... laboradores: Wenceslau... dão (Rio); Joanna Mor... Moraes Neves (Rio); Ad... Eduardo Silva (Rio); ... Barroso de Oliveira (Mina... raes); Mario Vianna da... ra (Bahia); Maria Cl... Souza Bastos (Rio); ... Monfredo (São Paulo); ... Bregança (Espírito Santo); ... zefredo Leite (Estado do... Paulino Mendes (Pernamb... Albertina Saraiva Campos... Paulo); e Helena Moraes...

Que é Radio?

FACTOR DE EDUCAÇÃO
OU DIVERSÃO?

AS RESPOSTAS DE RENATO MURCE



RENATO MURCE é um dos célebres "broadcasters" do Rio. Popularizou-se com o programma "Horas do outro mundo..." de sua iniciativa e direcção, na extincta PRA-N, depois PRA-6, Radio Philips do Brasil. Desde então, vem realizando programmas que têm obtido a consagração do publico ouvinte, organizados sempre com artistas de valor, homogeneamente reunidos. Interprete de poemas sertanejos, cantor, "speaker", radio-actor, autor de "sketches" e director-artístico, sua actividade polimorpha tem beneficiado, invariavelmente, o publico brasileiro. São estas as respostas do director-artístico da PRA-7, Radio Club do Brasil, com as quaes fica encerrada a "campanha" de FON-FON.

P. — Que é o radio: factor de educação ou diversão?

R. — Foi no passado quasi que exclusivamente factor de diversão: hoje dedica-se a ambas as cousas, divertindo mais que instruindo, com tendências para estabelecer em breve o equilibrio, que será o ideal.

R. — Como a columna-mestra do nosso radio, com o inconveniente da incompreensão dos annunciantes quanto á necessidade do seu laconismo. Não ha exemplo de um ouvinte que tenha decorado pelo radio o numero do aparelho telefonico da casa annunciadora. E ha annuncios com trez e quatro telefones...

P. — Que acha da actualização dos nossos "speakers"?

R. — Em geral boa, muito boa mesmo. Os locutores brasileiros são, na sua maioria, cultos, de boa dicção, vozes phonogenicas, e esforçados. Ha, naturalmente, as excepções, mas sem ellas não estaria completa a regra.

P. — Que conceito faz do "broadcasting" brasileiro?

R. — O melhor possível. Apesar de muitas vezes injustamente combatido, o "broadcasting" brasileiro, embora sem os recursos de que dispõe a radio-difusão em outros paizes, nada lhe fica a dever como expressão artistica, originalidade de programmas, esforço honesto e permanente para progredir.

P. — Que pensa do samba como expressão da nossa musica popular?

R. — O samba é uma das expressões da nossa musica popular. A sua maior divulgação e a preferéncia que lhe deu o povo não vêm de muito longe: a modinha tem a minha preferéncia como expressão da musica popular brasileira, não obstante (como acontece com a musica popular de toda parte) sofrer a influencia de melodias de outras terras. Convém ainda lembrar que o samba propriamente dito tem o seu reduto maior no Districto Federal. No Brasil é muito grande...

P. — Qual a sua opinião sobre as letras das composições populares?

R. — Ha letras pessimas, más, offrivéis, boas e optimas, todas acompanhando a cultura dos seus autores. Para que desaparecessem as trez classes primeiramente citadas, bastaria um rigor maior da censura e dos directores de gravacoes e studios em accção conjunta, e não isolada, como lá tem sido por vezes tentado, em pura perda.

P. — Como encara os annuncios radiophonicos?

P. — Temos programmas que recommendem a nossa radiophonia?

R. — Temos muitos programmas que recommendam a nossa radiophonia, como recommendariam a de qualquer outro paiz.

P. — Que é que falta ao "broadcasting" nacional?

R. — Penso que falta ao "broadcasting" nacional maior senso de equilibrio, no sentido de estimular os seus verdadeiros valores. Falta sempre verba para compensar os verdadeiros cerebros radiophonicos, aquelles cuja função é crear, renovar sempre, ao passo que sobra tambem sempre para... outras coisas. Daí a razão de continuarem divorciadas do radio formosas e aproveitaveis intelligencias.

P. — Qual a utilidade principal do radio?

R. — Encurtar distancias, aproximar os espiritos, ajudar a humanidade a cumprir a sua principal maxima: "Amare-vos uns aos outros..." e ainda amenizar a vida das classes menos favorecidas da fortuna.

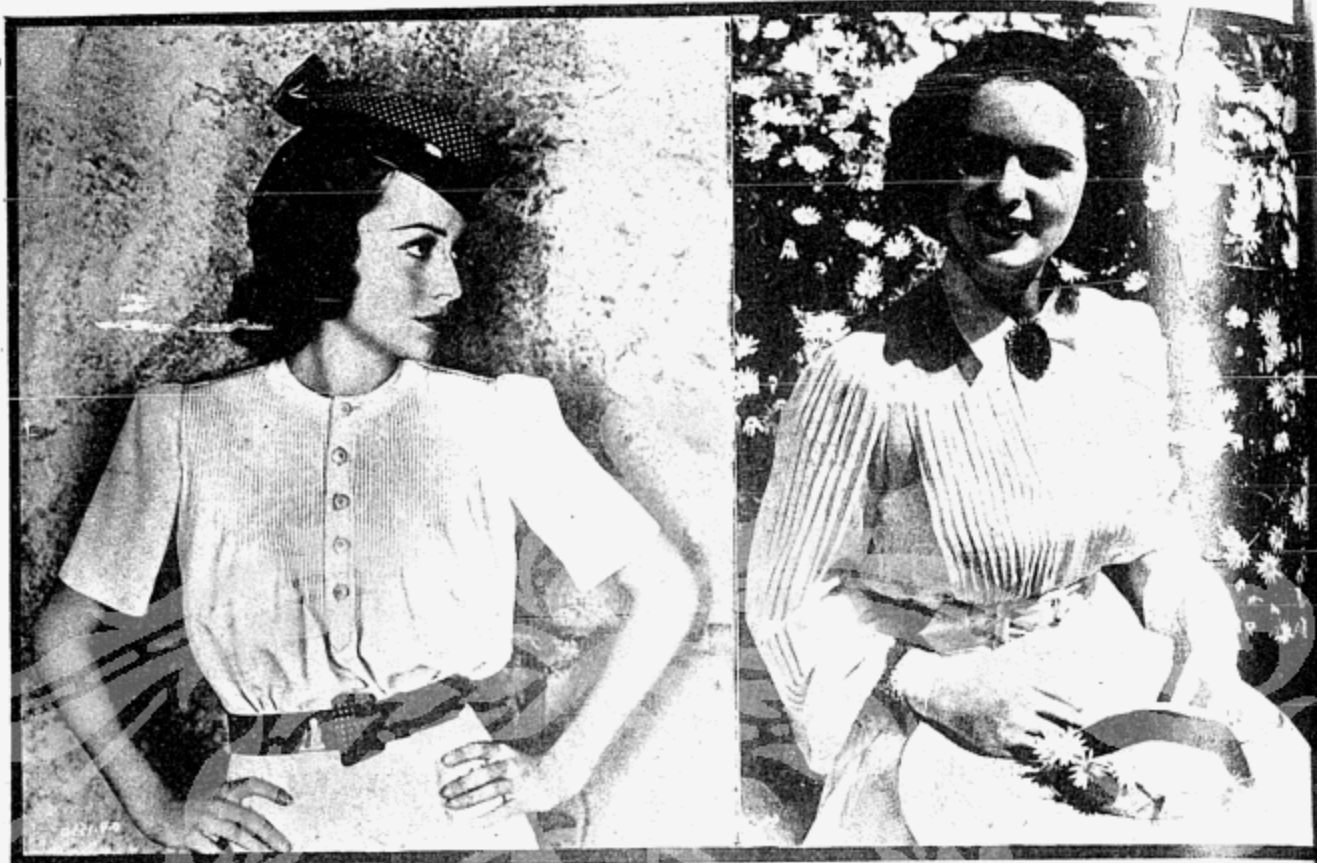
P. — Qual a orientação que deve ter o "broadcasting" brasileiro: commercial, como nos Estados Unidos, ou official como na Inglaterra?

R. — Commercial, commercial, commercial.



Renato Murce

FON - FON



Elegantísimas, as «estrellas» de Hollywood ditam modas às leitoras de FON - FON.



Olivia de Havilland com um toque e cinto de verniz negro e quadriculado.

Geraldine Fitzgerald num vestido de crepe romano branco, inteiramente pregueado, e com bellissimo chapéo de tafetá pespontado.

FON - FON

30 - 12 - 939

26 - 27

REVISTA
Chaplin



Lya Lys apresenta moderno traje de seda lisa e estampada, completado por pequeno chapéu de palha brilhante.

Marie Wilson com um chapéusinho encantador e próprio para os dias de sol.



A inauguração da exposição de trabalhos das alunas da Escola Orsina da Fonseca revestiu-se, este anno, de raro brilho, marcando um acontecimento que muito recommenda aquelle excellente educandário da Prefeitura do Districto Federal confiado á esclarecida e efficiente direcção da distincta professora d. Maria José de Avellar Lacerda. Estiveram presentes á solemnidade o dr. Pio Borges de Castro, illustre secretario de Educação e Cultura, acompanhado do cel. Heraclito Paes Ribeiro, e o dr. Faria Góes.

Uma exposição escolar



СМОДИТЕ ВЪЗДА



«BRETON» de palha branca guarnecida de rosas de «surah» azul-marinho e branco. Veu de tulle azul-marinho. «Tailleur» de «foulard» azul-marinho com «pois» brancos e vermelhos.

(Creações Jean Patou. Paris).

FON - FON
30 - 12 - 939
— 29 —



Hollywood

BETTE DAVIS E CHARLES LAUGHTON

CONSAGRAM-SE os artistas em Hollywood, todos os annos.

Distribuem-se os "oscar", as estatuetas com que a Academia de Cinemas galardão os melhores trabalhos, os melhores directores e os melhores artistas. Vários são os que têm recebido essas estatuetas. Bette Davis, a magnifica artista dos studios dos irmãos Warner já foi, por duas vezes, assim consagrada. Entretanto — diz ella — menor não foi a sua satisfação recebendo, naquelles studios, a visita de Charles Laughton, que, depois de trez annos de ausencia, na Inglaterra, voltou a Hollywood, para fazer, nos studios da Universal, na nova versão da obra de Victor Hugo "O corcunda de Notre Dame", o papel que Lon Chaney já uma vez consagrou. O actor inglez não conhecia pessoalmente Bette Davis, conforme disse, mas não perdera uma só dos seus films, tornando-se um admirador do seu talento. Esse elogio na bocca do creador de "Henrique VIII" é, realmente para a artista dos olhos grandes e meritos ainda maiores, um galardão de preço igual ao de um "oscar".



DENNIS O'KEEFE QUEBROU O NARIZ!

DENNIS O'KEEFE é um dos modernos galãs. Tem ultimamente apparecido em varios films, agradando não só pelo seu trabalho, como pela sua figura. Um rapagão. Uma bella physionomia, de traços fortes. Ou antes... tinha assim a physionomia, pois, que, em recente desastre, Dennis... quebrou o nariz. Digamos que não foi elle o unico attingido. Um passeio de automovel, e, com elle, Richard Greene e Franchot Tone. Vocês conhecem os dois. Pois todos os trez soffreram lesões mais ou menos graves, tanto que tiveram de entrar em tratamento que os teve afastados dos lides nos respectivos studios, por varias semanas. O mais infeliz, no ponto de vista esthetico, foi Dennis O'Keefe que, não só quebrou o nariz, como soffreu um grande raspão na pelle do rosto. Entretanto não faltam nos Estados Unidos os bons medicos especializados em... concertos plasticos. Dennis ficará apenas com uma linha, um tanto viva, a indicar o corte, para lhe lembrar a "farra" com o Dick e o Franchot.

JOAN — HEDY — GENE MARKEY

VOCÊS sabem... Joan Bennett foi casada com o director Gene Markey. Depois, Joan conheceu Hedy Lamarr, e naturalmente Joan apresentou a amiga ao director e, com o tempo veio o divorcio, e como o director ficasse livre, a "amiga" tomou-o para si. Hoje, Hedy Lamarr é a sra. Gene Markey. Não punsem vocês, entretanto, que Joan e Hedy se inimizaram por isso. Continuam amigas, e só em uma coisa Hedy inveja a amiga: — é a filha da Bennett, que também é filha de Markey. Hedy quer uma filha igual, e Gene Markey não sabe o que fazer para conseguir, nem que seja de segunda mão. Sim, que Melinda, a filha de Joan e de Markey é authentica, da legitimo matrimonio. E parece que a linda artista de "Extase" quanto a uma



authetica... ella prefere uma de "segunda" — isto é, adoptar uma garotinha, que se pareça com a primeira. Isso, para ver se consegue que o director tenha a filha de sua filha, com o que tenha de ir procural-a nas cidades da ex-esposa.

SHIRLEY E SYBIL JASON

SHIRLEY TEMPLE estava trabalhando, ou talvez já tenha acabado a filmagem de "Passaro Azul", a obra de Metternich. Vocês, segundo dizem os chronistas, já conhecem uma nova Shirley, apresentando-se ella nos studios, depois de quasi trez mezes de ausencia, em férias nas montanhas.

E, dizem os chronistas, Shirley cresceu cerca de duas pollegadas, ao mesmo tempo que perdeu um pouco mais de dois kilos. Os cabellos estão mais escuros. Shirley está mais madrinha. Vão vel-a naquelle film da Fox. Aliás vão ver também Sybil Jason, a pequena sul-africana que quasi roubou o Shirley as glórias do film "Princesinha" e agora, em "Passaro Azul" tem papel ainda mais importante, e parece disposta a... bater a sua colleguinha, senão agora, pelo menos mais tarde.



UM ASPECTO DE HOLLYWOOD...

COMO é Hollywood? — uma pergunta que boia em todos os labios de quantos gostam de inteirar-se da que vai pelos bastidores e pelos studios da cidade do cinema. E se querem saber, aqui está a resposta de um artista novo, que foi da Argentina, e escreveu a um amigo: — "O clima de Hollywood deprime o estrangeiro, e ficam-se muitas semanas até que a gente se acostume. De dia faz calor e á noite muito frio, que obriga o desacostumado a dormir debaixo de cobertores. Os cafés, cabarets, parques, theatros de Hollywood, são como os de New York, por exemplo. O famoso Hollywood Boulevard é apenas uma rua muito larga que as outras. O "Brown Derby" e o "Trocadero", comparados com os restaurantes de New York, podem ser considerados de terceira categoria. Os bondes (carros electricos) então, são uma lastima! Não funcçionam depois de uma hora da noite. Vêm-se mulheres lindas, quasi todas vestidas de calças; mas não são em quantidade extraordinária. Muitas casas são servidas por mulheres e diga-se com firmeza que são todas lindas. A maioria veio de New York e de outros logares atrahidos pelo cinema". Ahi está em resumo o que é Hollywood. Gostaram?



OS PAES DE SHIRLEY NÃO GOSTARAM...

ESTA' claro que é de Shirley Temple que estamos falando, desde que aqui se cogita da que "seus" paes não gostaram. E elles não gostaram... dos ultimos papéis que a Fox Film tem dado á garota, principalmente o ultimo em "Suzana". Papce Temple acha que Shirley já pode fazer papéis mais proprios para a sua idade, agora mais crescida. E os studios concordaram, adquirindo para a pequena a conhecida peça de Maeterlink—"Bluebird" (Passaro azul). Depois do grande successo alcançado pelo "Magio do 7º", a linda e encantadora fantasia de Maeterlink deve ser o novo motivo de triumpho para a pequena Shirley.

isto
da.
ades
da

onha
de
nhe-

mo-
ver
rou-
em
rece
pelo

odos
vae
E se
um
es-
Hol-
n-se
cos-
nuito
rmir
atros
O
arga
mpa-
ontis-
cosl
uma
tidos
Mui-
ueza
de
cumo

ndo,
ham
se a
em
pa-
ficha.
ista
null).
a
no-



LEATRICE JOY - UM "COMETA"

BRILHOU... Brilhou muito no céu, em tempos idos — os tempos ainda do cinema silencioso. Milhares, mesmo milhões de pares de olhos se fixaram no céu, cinematográfico, para contemplá-la. E, de repente, sumiu-se a «estrela».

NO CÉU DE HOLLYWOOD



Sumiu-se, não! Qual verdadeiro «cometa». Leatrice Joy surge novamente. Não sabemos... mas nos quer parecer que a vemos, tão bella quanto antes... E Leatrice Joy vai reaparecer, depois de uma marcha elyptica de mais de doze annos de ausencia, ao lado de Deanna Durbin, no film da Universal «Primeiro amor».

FON - FON
1935 - 12 - 1935

As dez mais lindas "gatas"

NOTEM todos que não se trata de só dez mais bonitas "artistas" do cinema, mas de dez mais bonitas "gatas" do cinema. Agora, então, que tanto se fala em Hollywood a quem muitos querem dar o selo da beleza; quando outros preferem o magnífico de Irene Dunne, e outros o perfil de Shearer, e aqueles que preferem Carole Lombard — e que há tantas figuras belas de Marlene Dietrich — agora, repetimos, de seria ainda maior em uma escolha.

Mas os studios americanos foram por uma verdadeira multidão, de "gente nova" que as produtoras vão apanhando aqui e ali, em todo o território americano; juventude cheia de encanto, principalmente, da graça própria da mocidade, que ainda não chegou aos vinte annos. Um exército de lindas, dessas creaturas, lindas surge agora em grupos e páginas de revistas e jornais cinematográficos. Há para mais de um cento dellas.

Mais de um cento. Quem se atreva, então, a escolher, nesse conjunto imenso de entranhas rosas, a mais bonita? Alguém se lembra?



Joan Seyers



Patricia Morison

Kate Johnson



Lucille Ball



Arleen Whelan



Lucy Jones

"garotas" do CINEMA

brou, entantanto, de fazer uma escolha entre as dez mais belas. Esse alguém, aliás, tem autoridade para fazel-o. Anita Loos. Vocês a conhecem. Tornou-se famosa com a sua obra: "Os homens preferem as loiras" — e aliás se transformou também em film, que o mundo inteiro applaudiu. Pois Anita Loos fez a sua escolha. Foi-a:

Lana Turner, Lorraine Day, Ann Sheridan, Rita Johnson, Joann Sayers, Lucille Ball, Patricia Morison, Marjorie Weaver, Virginia Grey, Arleen Whelan.

Digamos um pouco de cada uma dellas.

Lana Turner (desereve Anita Loos) era uma collegial piçosa, que um productor descobriu almoçando



Ann Sheridan



Virginia Grey



Lorraine Day



Marjorie Weaver

em um "speakeasy" (restaurant barato) de Hollywood.

Lorraine Day — uma moreninha de Salt Lake City, tendo estreado ha pouco em um theatro de Long Beach, onde foi vista por um director da M. G. M., que a contrahou.

Ann Sheridan — a creatura que tem mais "it" no cinema americano. "Vamp" de primeira classe, pertence ao elenco da Warner Bros.

Rita Johnson — outra trigueirinha, que a principio só sonhava com radio, onde a foi buscar tambem a M. G. M.

Joann Sayers — tambem é moreninha, e tambem sahida ha pouco de um collegio, a Universidade de Washington. Mais uma do elenco da M. G. M.

Lucille Ball — uma das triumphantes de agora, já é figura de destaque da R. K. O. Radio Pictures.

Patricia Morison — é uma "loirinha com a voz quente de uma morena". Tambem pertence ao elenco da R. K. O. Radio Pictores.

Marjorie Weaver — nem loira, nem morena, mas encantadora, trabalha nos studios da Fox Film.

Virginia Grey — hollywoodense, appareceu primeiro contrafigurando Florence Rice, mas agora tem papéis de "leading-woman" nos studios da Metro Goldwyn Mayer.

Arleen Whelan — era manicure do Hotel Roosevelt, quando lhe succedeu... pegar a mão de um director da Fox Film, que a seguiu e puxou... para o studio.

Ahi estão as dez lindas creaturas que Anita Loos escolheu. Notem que a Metro-Goldwyn-Mayer entrou com cincoenta por cento. Teve cinco classificadas. A R. K. O. Radio teve duas; a Fox Film outras duas e a Warner Bros uma só. Aliás, em nossa opinião, a mais bella de todas — Ann Sheridan.

FON - FON

30 - 12 - 938

32 - 33

FON FON

Feminine

Desenhos de
J. LUIZ

DIREÇÃO DE HÉLÈNE



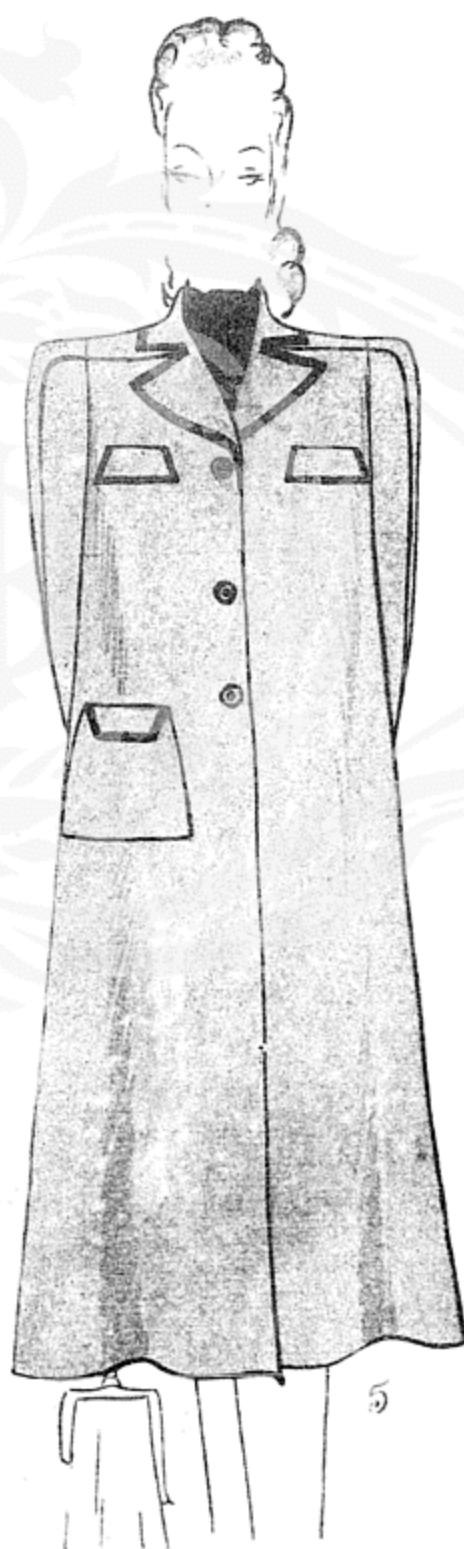
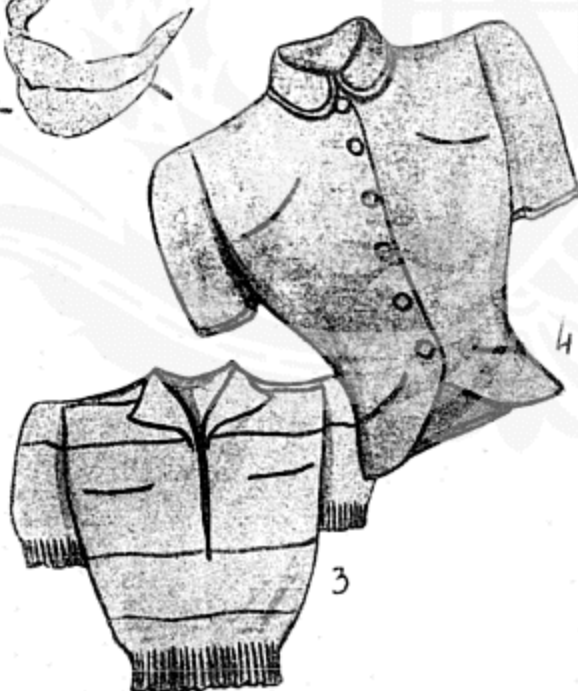
1. Moderno "robe de chambre" de crepe "lingerie" rosa-pálido, com botões, faixa e lenço do mesmo crepe azul-hortensia. Pala formada do prolongamento das mangas compridas e "boufants", prendendo os franzidos da frente e costas.

2. Original "salt de lit" de crepe estampado de fundo claro: verde-pistache, rosa, lilaz, etc., com grandes pastilhas de tom escuro: verde-forte, "grenat", roxo etc. Cintura ornada de um "ruche" do mesmo crepe, onde é enfiada uma fita de setim ou veludo, no tom da estampa, que amarra na frente.





"Toque" para a noite, de velludo-mousseline ou optimo setim de cor, complemento de uma "toilette" negra. Como guarnição, dois clips" trabalhados.



1. Blusa de seda de cor clara, toda em tiras irregulares unidas com ponto "cordonnet" feito com fio brilhante na mesma cor, ligeiramente mais escuro. Do mesmo fio são os punhos e o cós tricotados em ponto de "sanfona".

4. Jaqueta de linho "brique" para uso com saia de linho branco, verde-claro, amarelo, etc. Botões cobertos do mesmo linho.

Modelo para capa impermeável. Vizes de velludo contornam a gola, os punhos e as abinhas dos bolsos.

6. Vestido de seda azul-claro, guarnecido com varias ordens de pespontos azul-forte. Saia de pannos mais largos na barra.

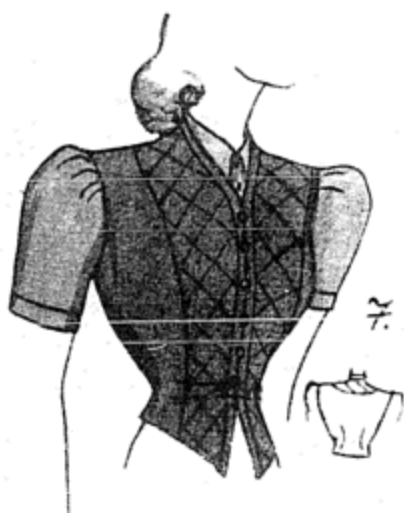


6

Turbante "pompier" de mousseline de soie, com varios tons bem combinados amarrando-se a testa.



Rebissima toalha para a noite, de algodão negro ou de cor, com guarnições bordadas.



7.

7. Pratico colete de seda de cor viva, tendo como acabamento um gradeado feito com grossa linha na mesma cor, para uso sobre blusa tipo "chimesier" de seda ou cambrala de linho branco.

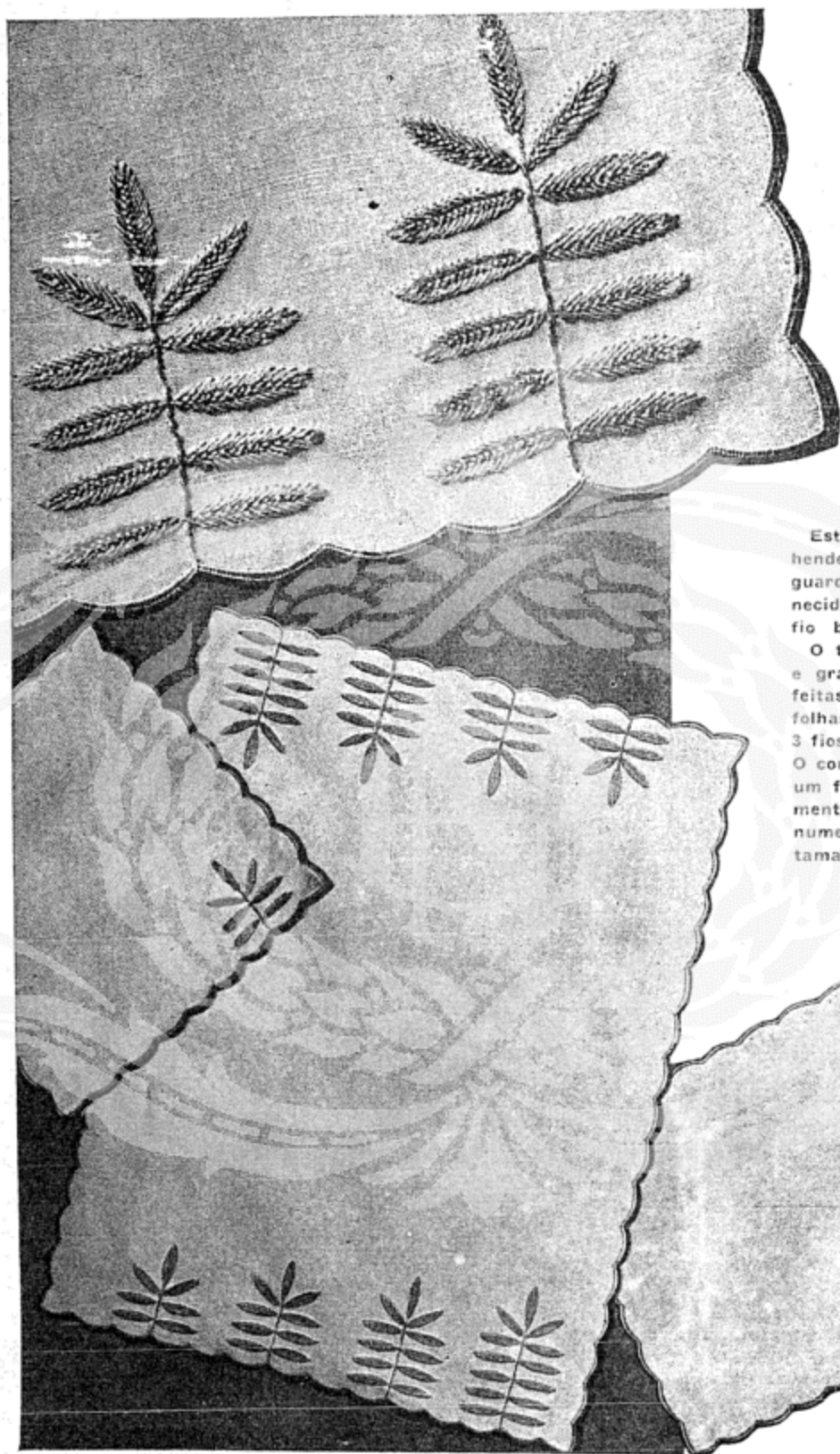


8. Vestimenta para menino de 12 annos, comprehendendo calça de linho bege e camisa de fino linho branco ou tricoline fantasia. Cinto e suspensorios de couro cru ou crocodilo marron. Gravata de seda verde ou vermelha.

9. Para um menino de 7 annos, calça e blusa de linho azul-carbono ou cinza claro. Bolsos e golla com fino "soutache" branco ou vermelho

10. Vestidinho de algodão estampado, com mangas "boufants" e saia com quatro grupos de franzidos. Na cintura, sobre os franzidos, fita de velludo na cor da estamparia enfiada num caseado feito a mão.

11. Vestido de seda estampada, com a saia enviezada e franzida. Cintura drapeada, amarrando nas costas.



O Melhor Bordado

SERVIÇO
PARA
O
CAFÉ
DE
UM
CASA

Este gracioso serviço compre-
hende pequena toalha e dois
guardanapos de linho rosa, guar-
necidos com galhos bordados a
fio brilhante bege queimado.

O trabalho é de fácil execução
e grande efeito. As hastes são
feitas em ponto de haste e as
folhas em ponto de espiga, com
3 fios de «linha brilhante 5 fios».
O contorno das peças é feito com
um festonné simples. No Supple-
mento n.º 52, anexo ao presente
numero fornecemos o risco em
tamanho natural.

FON - FON
30 - 12 - 939
— 38 —

TAPEÇARIAS,
DECORAÇÕES
INTERNAS

Casa Monteiro

Rua Sete de Setembro, 103
TEL. 22-8701

Linhos
Voiles
Chintz
Velludos

O MILAGRE DE SANTO ANTONIO

LOURDES PEDREIRA
DE FREITAS

"Santo Antonio milagreiro
Milagroso Santo Antonio
Vós que sois casamenteiro
Amante do matrimonio;
Escutae o meu reponso:
Ser solteira é um tormento;
Desatac-me deste engonço;
Consolae meu coração,
Que suspira noite e dia
Qual preso sem alívio.
Mettido numa prisão.
Morrer solteira, Senhor,
Deve ser grande peccado!
Deparae-me um namorado
Que me queira por amor!
Fazei, santinho, o milagre
De contrahir matrimonio;
Adoçae-me a vida agria
Ao coração amatorio,
Que desconhece alegrias
E eu vos juro Santo Antonio,
Beljar-vos todos os dias
Dentro de Vosso oratorio.
Para mim o Vosso bem,
Fazei o milagre. Amém!"

PERSIGNOU-SE a cabocla, contricta, aos pés da imagem de Santo Antonio, na capelinha branca, longinqua, carcomida pelo tempo, com os olhos rasos d'agua.

Não conseguia rezar. Ficára ajoelhada, absor-ta, o pensamento vago, distante.

Depois, prendendo os soluços, agoniada, balbucelara, como numa prece do fundo d'alma, o nome de alguém muito querido — Zé Antonio — E suspirára.

Chamava-se, assim, o homem a quem dera o coração virginal.

Elle tinha o dobro de sua idade; ignorava o segredo que, cheia de pejo, na maior afflicção, o confessava agora.

Amára-o sempre. Desde menina, inconscientemente; moça feita, quando o vira viuvo, só, inconsolavel, comprehendê-ra a significação do sentimento, que a tudo sub-sistia.

A effusão inspirára-lhe sympathia, quando viva; respeito — ao abandonar o mundo, em vésperas de ser mãe.

Com certeza, bondosa creatura, perdoar-lhe-ia aquillo que, na ingenuidade de sua superstição, qualificava de um acto trahidor.

Todos os dias, invariavelmente, Zé Antonio, com um punhado de flôres na mão, passava para o cemiterio: era aquelle passeio um culto á memoria da companheira dedicada, qualquer cousa que lhe tranquillizava a consciencia pura, honesta, leal, nos trez annos que data-vam do infortunio.

Não olhava sequer para a apaixonada cabocla, que tudo daria para despertar-lhe a attenção.

E' verdade que tambem não enxergava mulher alguma — ella o repetia, consolando-se do despeito.

Sentia-se infeliz, desgragada! Parecia em certos momentos, talvez por arte do demão, ciumenta da «contras» — a privilegiada — conforme se habituára a classificá-la, o que bastante a desgostava pelo seu caracter rectilíneo.

Se Santo Antonio quizesse, operaria um milagre. Porque «poder» — não era attributo de que elle puzesse duvida.

Acreditava-o plenamente. Vêra andando, leguas e leguas, sem cansaço, para supplicar-lhe a graça. Ah! Dir-se-lia, de subito, inspirada, far-lhe-lia uma promessa.

Deixára a capelinha branca, longinqua, carcomida, transformando o oratório num sorriso, esperançosa...

No dia da festa de Santo Antonio, cuja imagem se achava ladeada por duas velas, que accendêra de modo especial, ella cumpria o prometido: ali se via — o anno após anno novo offerecimento faria — aquella toalha alva, muito alva, bordada, ataviada de rendas e fitas em profusão, feita com carinho, particularmente grata, para adornar-lhe o altar. Lembrava-se de que fizera mezes antes o pedido ao Santo; de que fôra attendi-da, para tornar a sua vida um encantamento. Depois... recordava,

(Conclue na pag. 42)



Fique linda e
sempre moça!

Leite LaLaque

A' base de amendôas.

E' uma garantia permanente de
sua beleza.

Sua maravilhosa ação higienisadora da
pele não se limita a extirpar cravos, tirar
manchas e aveludar a cutis.

O LEITE LALAQUE, á base de amen-
dôas, desodorisa e combate o mau
cheiro das axilas e dos pés.

Distribuidora:
PERFUMARIA LOPES — RIO — SÃO PAULO



Modelos cujos moldes fornecemos no
SUPPLEMENTO N.º 52 de "FON-FON
FEMININO",
anexo ao presente numero.

NOTRE DAME DE PARIS

A CASA QUE MAIS BARATO VENDE EM TODO O RIO DE JANEIRO

SEDAS

SEDAS

SEDAS

em prodigiosa variedade de cores
e padrões originaes e exclusivos

SEDAS

SEDAS

SEDAS

authenticas, finissimas e
maravilhosamente bellas

TECIDOS FINOS DE FANTASIA

para passeio, sport, praia, etc.

Ao alcance de
todas as bolsas
e á satisfação
de todos os
g o s t o s

VISITEM A
**NOTRE DAME
DE
PARIS**



Ouvidor 182 a 188

Saida para a praia, para uso sobre o "short" maciço, em linho estampado. Frente abotoada com botões de madreperola.



"Short" de linho bege ou azul-acinzentado, com "éclair" na frente do corpo. Faixa de tecido estampado.

CULINARIA DE BOM GOSTO

RECEITAS DE ANNO BOM

BESIDA DE ABACAXI E CHAMPAGNE. — Tome 12 abacaxi, descasque-o completamente, e corte-o em tiras, abandonando as centras. Pique em pedaços pequenos e deixe em uma tigelha por uma hora, cobertos com 2 chicharas de caldo fino e já esfriado. Em separado colloque 500 grammas de assucar, caldo de uma laranja, 1 copo de agua e 1 colher de caldo de limão, misturados, por meio hora. Depois de passada uma hora, junte a esta a primeira mistura, e conserve no refrigerador até o momento de servir. Junte então 1 garrafa de agua mineral, 1 de champagne gelado e 2 chicharas de maçã picadinha. Sirva em taças de champagne.



BOLO DE CASTANHA DO PARÁ. — Bata 9 colheres rasas de manteiga com 2 chicharas de assucar. Junte 4 gemmas e 1 chichara de leite frio alternado com 3 chicharas de farinha de trigo (pencirada diversas vezes com 6 colherinhas de pimento em pó).

Depois de bem misturada a massa, adicione 12 chichara de chocolate em pó dissolvido em 3 colheres ou mais de agua. Junte umas gottas da essência, meia chichara de castanha do Pará em pedaços não muito pequenos, e por ultimo as 4 claras em neve. Leve em uma forma redonda, grande, ao forno. Forre-a com papel impermeavel, e depois unte. Assado o bolo (dentro de uns 25 minutos), corte-o ao meio e recheie com glacé feito com 2 claras ás quizes se juntam 3 chicharas de "assucar de confeitiro", aos poucos. Adicione essência. Cubra tambem com o glacé a superficie do bolo, e enfeite com castanhas.

BONBON. — Colloque no fogo meio litro de leite, 1 côco ralado, 1 kilo de assucar e 6 gemmas ligeiramente batidas, misturando tudo. Deixe que tome o ponto de bola macia. Despeje em uma travessa untada de manteiga, e faça com as mãos as bolas. Enquanto isso, deite numa pequena vasilha em banho-maria: 1 tablette de chocolate e meio tablette de manteiga de cacáu. Estando esta derretida bata um pouco. Vá passando nessa mistura as bolas já feitas e collocando em papel grosso, para que este absorva a gordura.

BOMBENHAS COM PATE. — Accenda o forno e colloque forminhas untadas no taboleiro, para que esquentem. Mistura com um batedor: 2 ovos, 1 chichara de leite, 1 colher de gordura derretida, meia colherinha de sal, e 1 chichara de farinha de trigo. Deite essa massa até metade das forminhas e colloque no forno quente por 15 minutos; abaixe a temperatura e conserve por mais 10 minutos para corar. Peste-as ao meio e recheie com patê de foie-gras.


SEVY
proporciona

OS MAIS MODERNOS CONHECIMENTOS DA MEDICINA ESPECIALIZADA AOS SERVIÇOS DE SUA BELEZA

Manipulados segundo a técnica especializada contemporânea, garantindo sua superior excelência pela originalidade de suas fórmulas científicas, os produtos Sevy representam a mais alta conquista da ciência aos serviços do conforto e da beleza.

O Leite de Beleza Sevy oferece inéditos e reais valores — *valor higiênico:* remove as impurezas da pele, saponificando as gorduras; *valor tônico:* promove e regula a circulação na superfície cutânea; *valor cosmético:* torna a pele assetinada e macia e é um excelente fixador para o pó de arroz; *valor terapêutico:* elimina manchas, panos e irritações cutâneas. Fecha, ainda, os poros dilatados.

A Loção Sevy oferece inédito valor tônico, pois contém colisterol, que é a base vital da papila. Facilita o metabolismo do couro cabeludo, elimina a caspa e evita a calvície.

O Shampoo Sevy promove a mais absoluta higiene do couro cabeludo. Absolutamente neutro, não queima, tão pouco descolore os cabelos. Extraordinário é seu rendimento e maravilhosos seus resultados.

A Ciência aos serviços da Beleza

Distribuidora: PERFUMARIA CHIMÈNE



PANAM



SILVEIRA PEIXOTO, brilhante jornalista de São Paulo, redactor da «Folha da Manhã», intellectual e artista de sensibilidade e de cultura, realizou, sabbado ultimo, na sede do Centro Paulista, á praça Tiradentes, uma conferência sobre a grande e sempre lembrada figura de Amadeu Amaral, o poeta e academico que foi uma das mais altas expressões do pensamento brasileiro.

CHROMO

*A moça que eu sempre vejo,
Suave como um harpejo
De vago canto de amor,*

*Não tem a alegria franca,
Mas a face branca, branca,
Como fôra a irmã da dor...*

*A' noite, á luz merencorea
Da lua, lembra uma historia
De terno e passado encanto,*

*E chora baixinho, chora
Sobre aquillo por que outrôra
Sorrira, sorriria tanto.*

DIAS DA SILVA



O dr. Walfredo Machado, advogado e escriptor de prestigio em nossos circulos intellectuaes, acaba de ser eleito membro do Instituto Brasileiro de Cultura, onde foi recebido em solennidade realizada sob a presidencia do desembargador A. Saboya Lima. Fez o discurso de saudação ao recipiendário o poeta Murillo Araujo.

TROVAS

(Ao illustre poeta Bastos Portela)

*O homem, eterna criança,
Que á felicidade aspira,
Tem só por bem a esperanza,
Consoladora mentira.*

*Adoro as arvores tortas,
Que envelhecem aos pouquinhos,
Offertando as folhas mortas
Ao tapete dos caminhos...*

*Felicidade, vã ansia
Da pobre alma endolorida,
Somente existes na infancia,
A doce manhã da vida!*

*Doves folhas no abandono,
Num bailado jaide e lento,
Ultimo sonho do outomno
Na voz tristonha do vento...*

*O homem, fugaz creador
De sciencias á grandel,
Não passa de um inventor,
Cheio de sonho e de fel.*

*Qual folha que se arremessa
Na garra dos vendavaes,
Mocidade, vae depressa,
Não re florindo jamais!*

EUGENIO

A VOZ DO DONO...

(Conclusão)

— Ah! Peguei-te! Agora, sim, cahiste! Como não terás ficado! Sabes que és engraçado? Isto te ensinará a suspeitar menos de mim. Sahu bem a scenazinha pelo telephone?...

Ha um instante — oh! um pequenino instante — de felicidade estupefacta. Yvonne o reconheceu?...

Elle vê, depois, em suas mãos, um pequeno lenço torturado e reflecte que, interrompida a commoção telephonica, ella deve ter feito nova ligação para saber se não se ouzou, para certificar-se... e lhe disse esse outro que elle chorou, esse outro a quem supplicou. Que estava tudo acabado, sem... Que lhe importava um pouco de amor? Exactamente como Beltrán o houvesse encarregado de vingá-lo. Então Beltrán olha... E ha nos olhos do homem tanta bondade, triste e terna, que não pode mais conter-se, sempre em soluços, atira-se em seus braços e se agarra a elle:

— Beltrán, meu querido, meu querido... Amo-te tanto... tanto...

Beltrán sorriu. Se ella quisesse vê-lo nesse momento, compreendria que não o engana. Mas tem a cabeça em seu peito... Não vê. Apenas o ouve dizer:

— Claro que sim... Sim, eu amo-lo... Não falemos mais nisso. Vem, pobrezinha... Vem... Não chores... É hora de jantar.

ODETTE PANNAYER

O MILAGRE DE SANTO ANTONIO

(Conclusão)

internecida, o lenço que ganhara no leilão das prendas, na Kermesse havida, sob o espoucar dos foguetes e que havia perdido, inexplicavelmente, para mais tarde saber que Zé Antonio o guardava como uma reliquia de amor...

A aproximação... uma furtiva troca de olhares... os recordos... a declaração numa noite enluarada... a timidez do primeiro beijo... Santo Antonio os casára!

A cabocla disse — enquanto existiu — que o milagre realizado tinha egostos de felicidade...

"MOLDES FON-FON"

RUA DA ASSEMBLEA, 62-1.º ANDAR

Rio de Janeiro — Capital

COUPON

Queira remetter-me, com brevidade, o molde do figurino n.º ... publicado no FON-FON de ... de accôrdo com as seguintes medidas:

MEDIDAS:

Comprimentos: do decôte da cintura
do quadril da barra
Circunferencias: do busto da cintura
dos quadris
Medidas: do hombro da manga
do punho das costas
Junto a importância de (em sellos de ... reis
do correio, ou em dinheiro) em carta com valor declarado.

NOME

RUA N.º

CIDADE ESTADO

Juntar a importância de trez mil reis (3\$000) em dinheiro ou em sellos de 200 reis, para entrega a domicilio, sob registro.

Quando entregue em nossa redacção — o preço será de dois mil e quinhentos reis (2\$500).

REMETTEMOS MOLDES PARA QUALQUER PARTE DO BRASIL

FON-FON

O polichinello vermelho

A luzada, sob o "abat-jour" cor de rosa, iluminava docemente o canto da sala, onde um ramalhete de rosas exhalava um suave perfume.

Fernando estava sentado sobre uma poltrona. Com olhar distraído, contemplava a fumaça azul do cigarro, que subia em largos volutes.

Tudo d'elle sua esposa bordava.

Fernando voltou-se para ella e perguntou sorrindo:

— Viviana, não te vaez vestir?

— Vou, respondeu a joven, erguendo-se do divan. Que horas são?

— Onze.

— Já??

Ella atravessou a sala e sahio o moço ficou só no salão de smoking, prompto para irem ao "revellion".

O "revellion"! Varios amigos os esperavam. A noite seria alegre e animada... elle se sentia triste.

Fernando ergueu-se da poltrona, sem saber o que fazer.

Notei que sua esposa demorava. Atravessou o salão e dirigiu-se para o quarto. Abriu a porta.

Viviana estava ajoelhada no chão e acariciava um polichinello vermelho.

— Viviana! Que estás fazendo?

Ella voltou-se lentamente, enquanto duas lagrimas, semelhantes a duas perolas luminosas, rolavam vagarosamente pelas faces pallidas.

A joven fitou o polichinello e indagou com voz velada:

— Lembra-te?

Elle estremeceu e o brilho dos seus olhos negros foi tondado pela sombra da tristeza.

— Sim, balbuciou Fernando; esse polichinello pertenceu á nossa filhinha...

— No anno passado... ella ainda vivia, disse Viviana com voz tremula. A pequena estava tão contente. Com suas minúsculas mãosinhas ajudava-me a ornar a arvore de Natal. De manhã, levantava-se cedo e no seu pequenino roupão... corria para a sala de jantar, afim de ver o que o Papae Noel puzera nos seus sapatinhos. No Natal do anno passado, ella soltou um grito de alegria, ao encontrar este polichinello...

— Viviana... por que recordar? Por que soffrer?

O relógio de São Bento bateu doze horas. Fernando deixou lentamente cair os braços ao longo do corpo. Seus olhos fitaram extaticamente o espaço.

Viviana começou a chorar desesperadamente. Que tollice pensar no "revellion", nas danças, nos amigos! Eles sabiam que não mais poderiam divertir-se pois a alegria havia morrido com a filhinha.

Ambos apertaram devotamente o polichinello vermelho, e nesse instante sentiram-se velhos, cansados e vencidos...

CERIL VANETTI CAMPS.

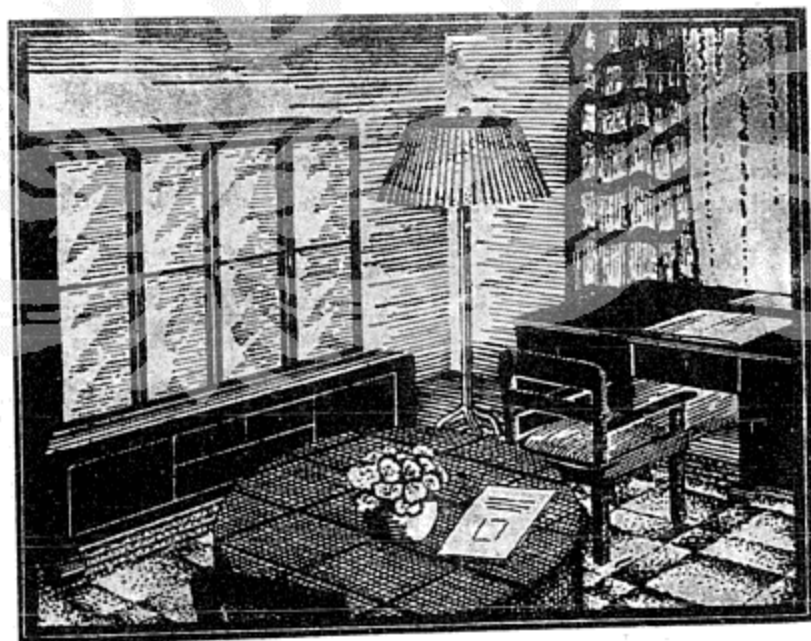
30-12-33

Porque FLIT mata-os todos!



Flit é morte certa para os insectos porque consiste numa combinação de poderosos elementos mortíferos que não podem ser superados. Flit passou por provas as mais rigorosas, sendo conhecido o seu poder de exterminar. Por essa razão V.S. deve sempre exigir Flit—e recusar todos os succedaneos. O jacto de Flit não mancha e é inoffensivo para as pessoas. Verifique si o soldadinho apparece na lata.

Si a lata não trazer o soldadinho, não é FLIT



MOBILIARIOS E TAPEÇARIAS
SORTIMENTOS E PREÇOS INCOMPARAVEIS



82 - R. 7 DE SETEMBRO — RIO JUNTO A' AVENIDA

FON - FON

Depois, Manfredo sabia que o supplicio seria retardado algumas horas e talvez até á noite, como lhe tinha promettido o carrasco. Elle não punha, de resto, em duvida, a palavra desse homem que parecia tão commovido.

Ora, algumas horas ganhas eram, talvez, a vida de Lanthénay.

No Pateo dos Milagres, os trez homens passaram o resto da noite a tentar recrutar auxiliares para um ataque.

Mas o Pateo dos Milagres estava de luto.

Mais de trezentos homens tinham sido mortos ou feridos na praça Maubert, em volta da fogueira de Dolet.

Quando amanheceu o dia, apenas uns doze tróes tinham promettido o seu concurso, e ainda de má vontade, com tantas condições, que, ás seis horas da manhã, Manfredo, desesperado, partiu acompanhado sómente por Fanfarra e Cocardère.

— Não haverá alguma pessoa segura na rua Santo Antonio ou na rua Saint-Denis? — perguntou elle.

— Ha Didier, o correio, na rua Santo Antonio — disse Fanfarra.

— Vamos á casa de Didier.

Esse correio, que tambem era farrapão, morava á rua Santo Antonio, numa casinha de que era proprietario.

PATEO DOS MILAGRES

(Continuação)

Elle tinha relações com certos tróes e punha suas adégas á sua disposição, mediante uma modesta retribuição, quando elles tinham mercadorias para esconder...

Manfredo e os seus dois companheiros chegando á casa de Didier, puzeram-no ao facto da situação.

— A casa é sua — respondeu simplesmente o correio.

O plano de Manfredo era atirar-se, de repente, sobre os guardas de Lanthénay.

Enquanto elle lutasse com Cocardère e Fanfarra, Didier arrastaria Lanthénay á sua casa, onde se fingiriam todos.

Quando a fuga tornasse-se, então, coisa fácil.

Atrás da casa do correio havia um jardim, cujo muro era facil saltar para ir á uma outra casa.

Esse genero de ataque já tinha succedido bem a Manfredo, que tinha assim arrancado dois ou trez tróes á força.

Com effeito, um enforcamento não era, então, facto tão extraordinario que se puzesse em movimento a força armada, excepto quando se tratava de personagens de importancia, como Etienne Dolet, e quan-

do se queria então impressionar vivamente a imaginação do povo.

Geralmente, um homem da força era escoltado por seis ou sete esbirros e as coisas corriam bem.

Esse plano não pôde ser executado.

Emboscados na loja do correio, Manfredo, Cocardère e Fanfarra esperavam a passagem de Lanthénay.

O supplicio estava marcado ás sete horas.

Mas, sem duvida, algum momento imprevisto tinha retardado a hora, na capella Saint-Paul, e Cocardère exclamou:

— Ellos!

Era, com effeito, a casa de Lanthénay.

Não havia nêo, pondo-se a atacar semelhante força, ali, na presença de uma multidão de condemnado.

Os trez companheiros saíram da casa do correio e puzeram-se a caminhar machinalmente na rua do povo que se guia a cegueira.

Foi assim que chegaram á rua de Traboil.

Houve para elles um momento de terrivel ansiedade.

Mas quando viram, tocados pela da força comprehendendo que o carrasco cumpria a sua palavra, reuniram-se, pois.

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

é quem dirá si elles têm idade bastante para andar pelas páginas de "Fon-Fon".

Muito obrigado e desculpe o incomodo que lhe estou causando. Pego-lhe, por obsequio, direi-lhe em "Saibam todos" a De Queiroz (Rio)."

Resposta:

1º) — Aconselho-o a tomar um professor de litteratura. Porque o seu desejo de conhecer os segredos da poesia moderna, somente por curiosidade, ou por que deseja dar trabalho ao redactor desta publicação, — com o julgamento de uma poesia infante, — o mesmo que o sr. procurar descobrir quem ou que inventou o mingau, para ter o direito de ganhar numa chapeta...

2º) — Aqui vae a prova de que o sr. conhece a poesia modernista — essa que permite toda a especie de bobagens, em nome da boa litteratura, somente para perpetrar poematos mais ou menos bôbos, etc, etc:

DESEJO DE CRIANÇA

Meu paisinho morreu,
foi embora
e não quis me levar...
Mas eu vou,
eu vou escondido.

Eu quero tanto conhecer o outro mundo...

Ha quem julgue essas coisas verdadeiras para vilhas. Mas então que se poderá dizer de Claudel, de Mallarmé, de Verlaine, de Maeterlinck, de Saunier, de Bandelaire, etc, etc? Nada fica para dizer está visto...

Hygiene
intima das
Senhoras

é tão
necessaria
como a
toilette
quotidiana

Metrolina

ANTISEPTICO E ADSTRINGENTE
POR EXCELLENCIA, E O UNICO QUE
PREENCHE OS SEUS VERDADEIROS FINS

MM
Globo



MM
Globo

FEIRA INTERNACIONAL DE AMOSTRAS LEIPZIG — ALLEMANHA

A FEIRA GERAL ESTARÁ ABERTA DE 3 A 8 DE MARÇO DE 1940

Em 24 Palácios que ocupam cerca de cem mil metros quadrados V. S. verá as amostras de todos os artigos de consumo geral no mundo civilizado.

A FEIRA TECHNICA DURA DE 3 A 13 DE MARÇO DE 1940.

Em 20 Pavilhões gigantescos somando uma área de cem mil metros quadrados estarão expostas machinas para todos os fins. É o mais imponente desfile da technica mundial. Metalurgia, electricidade, construcções de estradas de rodagem, exploração de minas, agricultura, etc.

Para mais informações — indicação de agentes compradores, technicos, na Allemanha, etc. dirija-se ao Delegado Official da Feira de Leipzig para o Brasil. Rua da Assembléa, 104, sala 907, Caixa Postal 1597, Phone: 42-7135, Rio de Janeiro.

Tinham ainda o dia inteiro para agir!

Manfredo tinha-se collocado na primeira fila do povo, na esperança de ser visto por Lanthénay e fazer-lhe um signal que o socegasse.

Mas, quer por acaso, quer porque Lanthénay desdenhasse olhar para a gente que o cercava, os olhos dos dois amigos não se encontraram.

Manfredo assistiu sem ouvir á conversa que teve lugar entre Loyola e o carrasco. Mas viu o monge mostrar um papel e o carrasco curvar, respeitosamente, a cabeça.

Viu, enfim, Loyola partir.

Fez logo signal a Cocardère e a Fanfara para que o seguissem.

Doante da casa de Didier, o correio, elles atiraram-se sobre elle e o arrastaram.

...

Loyola examinava com um ar sórdido os trez homens que tinha deante de si.

Pensava ter cahido nas mãos de bandidos audazes que queriam a sua bolsa.

E proseguia:

— O dinheiro que querem?... nesse caso digam depressa qual a quantia.

— E como a teríamos? — perguntou Manfredo.

Loyola sorriu.

Esou, decididamente, ladroes valentes.

Mandem-me trazer com o que escrever; num instante vou assignar uma ordem para a caixa do convento dos Agostinhos. Que quantia?

Manfredo fez um signal a Didier, que sahiu correndo do subterraneo.

— O senhor vae vêr! — disse elle a Loyola.

Ao cabo de alguns minutos, o correio voltou. Puxava atraz de si uma mesinha; sobre a mesa collocou um tinteiro, uma penna e uma folha de pergaminho.

— Escreva, senhor! — disse Manfredo.

— Estou prompto! — respondeu Loyola — Seja qual for a quantia, mas espero que os senhores não abusarão...

— Não; o senhor vae vêr que não lhe custará muito caro.

E Manfredo dictou:

— Ordem a mestre Ledoux, carrasco juramentado de Paris...

— Que diz? — exclamou o monge, pousando a penna.

— Senhor — disse, friamente, Manfredo — nada de inuteis comédias entre nós; o senhor odela mortalmente Lanthénay, porque elle o feriu, porque elle tentou salvar o desgraçado Delet, sua victima; emfim porque os seus instinctos de independencia desagradam, ao

senhor, que é o homem de autoridade absoluta e violenta!

— O senhor engana-se, meu filho... Eu não sou o homem da autoridade de violenta, como o senhor diz...

— Ora, vamos! Olhe para mim, senhor... Não me conhece?

— Não o conheço! — disse Loyola, olhando attentamente para Manfredo.

— Não se lembra do almoço em casa do mestre Rabelais, em Meudon, em companhia de messer Calisto e de um outro?...

— Ah! ah! O outro era o senhor!

— Sinto-me muito honrado, senhor. Compreende, agora quanto o conheço! Sei que odios implacaveis preoccupam o seu espirito! Foi o senhor que fomentou o ataque contra o Pateo dos Milagres foi o senhor que quiz a morte de Lanthénay...

— Bem! E depois?

— Depois? O senhor vae escrever neste instante o que eu lhe vou dictar.

— E se eu não escrever? — disse Loyola, tremendo de raiva.

— Nesse caso dentro de dois minutos, o senhor terá morrido. Vida por vida, senhor!

Loyola curvou a cabeça e ficou pensativo.

(Continua na pag. 49)

**Bôa digestão é
uma felicidade!
Ela se encontra
nas
PILULAS DE
REUTER**

L&K

**Loção
contra
espinhas
Lacerda**

Eficaz contra:
Acne ou espinhas,
cravos ou foliculites,
ótimo dissolvente das
seborréas do rosto
e corpo.

Laboratório LACERDA
R. CONDE DE BOMFIM 832
RIO DE JANEIRO
Lic. D. S. P. n.º 246
EM 19-4-39 - CLASSE 3
Capacidade: 100 c. l.
Farmco. ALBINO DE LACERDA
INDÚSTRIA BRASILEIRA

Dr. Virgílio Cosentino

CIRURGIA GERAL
GYNECOLOGIA
VIAS-URINARIAS
DIATHERMIA

RUA DO CARMO, 11

Das 8 às 11 e de 1 às 6

Cons. T. 42-0506 — Res. T. 26-1756

Inglês

PROF. FRANK TYLER
AULAS PARTICULARES E EM
PEQUENAS TURMAS
RUA DO CARMO, 71, 1.º an-
dar, sala I
Esquina da rua Ouvidor

Psychologia de um romancista

Por Moysés-Duék

EMILIO JOUBERT estava sentado à sua secretária, quando o criado lhe trouxe uma carta. Tendo reconhecido no envelope a letra do seu amigo Luiz Michaelson, apressou-se a abrir e lêr a missiva, que estava redigida nestes termos:

"Emílio, meu maior amigo:

"Você deve estranhar que eu o trate assim tão affectivamente, dando o meu genio reservado. Mas, pessoas como eu, só se exteriorizam assim muito raramente, quando não uma só vez na vida.

"Não se espante com o que lê, pois a explicação destas palavras você só terá quando terminar a leitura desta carta confidencial.

"E' o seguinte: você lê o meu livro "Beijos e Orquídeas"? Pois este livro, que foi o meu maior sucesso, poz-me doente. Escrevi-o como si estivesse sonhando. A heroína da historia a Gaby, é o retrato da mulher que idealizei sempre. Na historia, fiz com que ella dissesse o que eu desejaria ouvir de minha apaixonada. O enamorado do romance, o Claudio — não esconderei — é como si fosse eu; esse personagem pensa como eu penso, vive como eu vivo: um mortal que tem o coração vazio, que imagina uma mulher e corre o mundo sequeioso desse amor. Mas o Claudio achou-a, enquanto que eu não a achei! (Por vezes, eu tinha uma estranha inveja desse personagem que criou, e assaltava-me uma vontade indomita de o matar!) Quando eu o fazia beijar Gaby o meu peito se dilacerava de dor; e soltava um suspiro como si minha alma saísse nelle!... Por vezes, tornava-me cruel para Claudio. Arranjava meios de o fazer soffrer; ao mesmo tempo, porém, dizia consigo mesmo: "Claudio não sou eu mesmo? Por que então o faço soffrer?" Tornava-o, por fim, feliz, num amor que sempre ambicionel que acalentava os meus sonhos. Elle exprime o que eu teria dito si eu encontrasse uma Gaby como a que a minha imaginação criara: docil e tyranna, bella e fascinante, bôa e voluntariosa. Vezes havia em que eu tentava reagir contra essa obsessão buscando, no coração de outras mulheres, um amor que consolasse essa desillusão. Mas, pobre de mim só encontrava mulheres captivas da minha vontade, ou inacessíveis ao meu amor. E' depois de cada experiencia, mais eu amava Gaby — imagine! — um personagem de romance que eu engendrara!...

"Eu soffria! O meu peito se dilacerava! O meu corpo se dilacerava! A's vezes, eu maldizia a Gaby, a Gaby de amar o impossível, a Gaby que quer possuir a lua, as nuvens, as..."

"Até que chegou o momento em que me foi forçoso resolver o fecho da trama amorosa. A raiva de Claudio, que logo depois eu já suppunha impossível, era mim, cruelmente tomei a decisão de torná-lo desgraçado em um capítulo tragico. Claudio, entretanto, era eu, e, então, demasiado fraco, hesitei e fiz com que Gaby depois de muitos dias do sonhador, do leuza, que tanto procurava um amor perfeito, o seu coração de mulher, eternamente cheio de doçura, de egoismo, de calor e de fôrça, de odio e de amor...

"E assim, Emílio, quasi caindo a tal golpe, romaticamente, mantive a historia a que a Gaby toda a minha alma.

"Os criticos foram unânimes em applaudir com calor a minha obra e fui cognominado o "Papa das jovens romancistas". Este sucesso e applaudiram a "complexa psychologia dos personagens" — e um deles disse: não conheci a Gaby, a tragedia do criador de tal mulher; não sabiam como esse Gaby de fleções se tornara real e desgraçado.

"Agora, sinto-me fraco demais para continuar vivendo. Mergulho a minha imaginação humilde, humilde, sim porque, agora, sou um Claudio de carne e osso, e não posso ter um fim do outro Claudio, o de "Beijos e Orquídeas". Vou pôr a minha filma no Criador. Esquece-me com um revolver ao meu lado. Farei commigo o que não posso fazer com o meu heroe.

"E só você poderá compreender o que escrevi antes de escrever o meu romance: "Claudio, então, sou o meu destino. Sou feliz para eu o seja também!...

"Despeço-me de você, amigo Emílio, certo de que não se ria de mim, como si eu fôsse um louco delirante. — Luiz".

Emilio deixou o papel entre os dedos. Tinha as faces molhadas de lagrimas.

Só agora comprehendia o olhar parado, meditativo, talvez perdido nos pensamentos tumultuosos de sua fecunda intelligencia...

E Emilio não pôde deixar de lamentar a perda do seu melhor amigo, um escravo da intelligencia...



produtos **FELGAR**

?? CABELLOS BRANCOS ??

não os tinja

uso "LOÇÃO FELGAR" e voltarão a sua
primitiva cor.

NÃO MANCHA — NÃO É TINTURA
o seu uso é simples e agradável



Leite de beleza "Felgar" indispensável no toucador



SENHORAS !

ESCUTEM ...

O segredo da SAUDE JUVEN-
TUDE da mulher consiste
na pratica diaria de hygiene
intima, mas de verdadeira
hygiene.

O DESENVOLVIMENTO DO
VENTRE DAS SENHORAS, o
ENVELHECIMENTO PREMA-
TURO, ASPECTO CANSADO
PELADO RUIM, na maior parte
das vezes é proveniente de um
corriçmento antigo ocasionado
pela deficiente hygiene intima,
causa de FRIEZA FEMININA e
de males incuraveis.

"GYSA" é o produto destinado
à hygiene intima da mulher
cujo VALOR SCIENTIFICO foi

PROCLA-
MADO NA
CLASSE ME-
DICA e do-
cumentado por
observações.
Pelo correlo
88000.



NÃO DESANIME, DIZ O MEDICO



NÃO É CASO DE MORTE

Desde já faça uso de

PULMONAL

Esta minha indicação é baseada nos efeitos grandiosos que
tenho obtido, com a applicação deste maravilhoso medicamento,
em todos os casos de BRONCHITES, ASTHMA, RESFRIADOS
e GRIPPES, sendo que esta sua TOSSE desaparecerá por com-
pleto, pois não é pallativo e sim um medicamento preparado
com os melhores vegetaes da FLORA DO BRASIL, e mais rico
em todo o mundo em propriedades curativas.

PRODUCTOS DISTRIBUIDOS PELA

"DROGARIA SUL AMERICANA"

A MAIS BARATEIRA DO BRASIL

Largo de São Francisco, 42 — RIO

Beijos que matam

POR MORVAN BARRETO

ELLA era uma morena de olhos castanhos, vivos, expressivos. Trajava com esmero acompanhando as exigências da moda, desta moda materializada dos nossos dias, que tem sedução pela nudez; que parece querer mostrar o trabalho evolutivo da Natureza, no aperfeiçoamento das linhas do sexo fragil, no intervalo que vem desde o período da pedra lascada até os nossos dias.

Estando num camarote de teatro, a certa distancia, ganhando com o effeito de luz da encenação ambiente, dava a impressão de uma beldade. A luz natural, quasi de perto, certa decepção não se fazia esperar a um observador que procurasse comparação de traços com as velhas estatuas da Grecia...

Fôra creada cercada de todos os mimos, senhora de todas as vontades, o que talvez muito tivesse contribuido para aquelles seus gestos de vaidade aquelle seu conceito intimo e exaggerado de soberbia...

Mas, apesar de tudo, não era feio. O pó de arroz, o rouge e os cremes escondiam perfeitamente os seus vinte e oito annos, que se deixavam passar por vinte... vinte e um...

Dava-se ao passa tempo de um diário intimo, onde contava muita cousa dos seus enamorados, aprofundando-se em commentarios de sabor psychologico, nos quaes os rapazes se classificavam de tolos, futeis... Geralmente, elles se deixavam levar a paixão pelos caprichos de Zulmira, aquelle "diabinho de salas", sempre disposto a vexal-os, desprezando-os quando mais accessa era a chamma que os dominava...

Tendo feito desesperar o primeiro, o segundo e o terceiro, facilmente aprendera a arte do desprezo, o malabarismo dos corações, brincando com os apaixonados com a displicencia de uma gatinha com novêlo de lá...

E tudo, sem nunca ter amado! Dir-se-ia que não tencionava casar-se e até, que odiava os homens! Mas, este mundo dá voltas... o tempo é inexoravel — não espera! Os annos corriam, corriam... sempre mais apressados...

Certa vez, indo passar alguns dias na fazenda dos paes da amiguinha Albertina, o acaso fez com que lá encontrasse Henrique, um esbelto mancebo em gozo de férias... Zulmira logo planejou um assalto ao coração do joven estudante.

Sorriu para elle; disse coisas espirituosas; deu olhares de soslaio; offereceu-lhe laranjas, sapotês, e mais tarde convidou-o para um passeio ao longo do laranjal.

A tudo Henrique respondia com um sorriso seco, disfarçado com gestos de mesura, ou com uma resposta evasiva, de desculpa:

— Perdão senhorita; mas acabo de tomar café...

— Impossivel, senhorita; preciso estudar agora...

— Lamento, muito, senhorita;

mas estou agora num capitulo muito importante...

E tudo foi inutil para vencer a indifferença daquelle elegante e bello rapaz. Elle vivia sobrecando um grosso volume no qual se embelhava horas a fio como que procurando gravar perennemente no cerebro todos os conceitos do autor.

Zulmira odiava aquelle livro e não pôde conter a curiosidade de querer conhecer, pelo menos, o seu nome e o seu escriptor.

Consiguiu. Era simplesmente a "Sociologia da Mulher", de Tito Livio de Castro, o joven sabio brasileiro — aliás, tão pouco conhecido! — que, tendo sido um engeitado, pesquisou durante todo o espaço da sua curta existencia, profundamente, a mentalidade feminina através de todas as idades da civilização, todas as raças e todos os estadios sociais, sacudindo a sua grande magna de engeitado em conclusões terríveis sobre a immortal companhia do homem.

Mas Zulmira não conseguia ir além do titulo e do nome do autor daquelle livro cruel, porque Henrique logo appareceu á procura do passatempo predilecto.

De uma vez, estando em companhia de Albertina e do circumspecto rapaz, ella teve o arrojo de lançar um desafio desmedido:

— Darei um beijo a quem me trouxer aquelle côco, lá de cima...

E o dedinho de mão delicada, com a unha polida, apontou o coqueiro majestoso, meio curvado ao peso dos fructos.

E insistiu:

— Não queres arriscar, Henrique?

E elle, frio, indifferente como sempre:

— Não, senhorita; prefiro perdêr o beijo...

Era demais. Aquelle desdém matava-a. A vaidosa creatura sentia-se ferida no seu mor proprio e um sentimento estranho, completamente desconhecido, sacudiu-se com estremecimento dentro do seu intimo. Ella amava!

Era dessa vez, a victima da arma com a qual havia dominado tantos corções — o Desprezo!

Mordeu os labios escarlates e balbuciou, com despeito:

— E's um tólo...

...

Eram cinco horas da tarde. Nuvens sanguineas cobriam o horizonte, no espectáculo eterno do crepusculo...

Ouvia-se, de quando em quando, o grito typico do vaqueiro, lá em baixo, recolhendo o gado: ôôô...

Na varanda, uma brisa agradável brincava com os cabellos de Henrique, que, recostado numa poltrona de vime, lia a "Sociologia da mulher".

As ultimas aves domesticas atravessavam o terreiro em passo cadenciado, a caminho da morada; os insectos começavam no desafio de um gri-gri monotonico, e a natureza parecia quedar em extase, antes que as trevas cobrissem tudo...

Respirava-se um perfume de te de mistura com vestimenta da nuca de uma queimada...

Do interior da casa partia o navioso de Albertina, cantando a canção:

"Não te lembres da casa da Pequenuina..."

Entrecortando a melodia com o ter surdo, rythmado de uma voz — *paui! paui! paui!*...

Zulmira chegou ao café, a chicara de café que offerecia ao indante.

Sentou-se defronte, e viu um num sofá também de vime.

Henrique fechou o livro e voltou a cabeça a cabeça, a agradecer a sua...

... enquanto a donzella não podia um só do seus gestos, tentando com os dedinhos no fundo da bocca. Depois deu um grande suspiro e cruzou as pernas, mas tão desprocurada que deixou a mostra a linha de sãda branca.

O estudante deixou a chicara sobre a mesinha, sentou-se no sofá juntinho a ella, passou o braço envolvendo-lhe a cintura, enquanto a mão direita, tremula acariciava-lhe o rosto, docemente.

— Que é isto, Henrique? Então...

E tímida como se fôra uma juriti, aconchegou-se mais aos braços do nervosa, rubra, dominada pelo magnetismo de um olhar de suave energia...

Os labios collaram-se num beijo profundo, longo, lencamente apaixonado...

A voz de Albertina e o bater do pilão continuavam no mesmo rythmo e na mesma synchronia, porque estavam alheios áquella scena rebatadora, que não era a solução, senão o ponto de partida do enigma do amor...

— Tu me amas, Henrique?

Henrique levantou-se, passou os dedos através dos cabellos e voltou a sentar-se. Ficou por dez segundos pensativo, olhando fixamente para determinado ponto, com as palpebras semi-cerradas.

Manuseou depois, até determinada pagina do livro, dizendo:

— Ouça este trecho, Zulmira. É uma citação de Tito Livio de Castro... Que grande philosopho era Ta'bot! Aqui temos um trecho da sua *Histoire de la littérature grecque*...

E deu início á leitura:

— "Conserva-te recolhido em ti mesmo; ali encontrarás a fonte inesgotavel, se tu a aprofundares sempre. Todos os outros objectos dependem ou não de ti; nada mais são que corpos mortos e fumo. Dentro de um instante nada mais será que cinza, um esqueleto, um nome ou nem mesmo um nome. O que tanto apreciámos nesta vida nada mais é que um vacuo, a podridão, o insignificante: cães que se morrem; creanças que se batem, riem choram. Tudo foge, tudo passa; eidades inteiras perecem: Helice, Pompéa, Herculano."

(Conclue na pag. 59)

448

Em breve, Manfredo e Lanthénay appareceram. Manfredo estava radiante e Loyola imaginou que essa alegria manifesta no moço lhe seria favorável. Mas Lanthénay estava soturno — mais soturno, talvez, do que no momento em que ia á força.

Cocardère e Fantarra tinham apertado calorosamente a mão daquelle par, cuja libertação tinham contribuído com tanta felicidade.

— Senhores — disse Loyola ade-
antando-se — espero que me vão
soltar agora.

— Vamos vêr! — disse Manfredo.

— O senhor ousaria faltar á pa-
lavra que me deu? Contra a vida de
Lanthénay, o senhor jurou-me res-
peitar a minha...

Manfredo olhou para Lanthénay.

— Senhor — disse, então, este úl-
timo, com uma voz que se esforçava
por tornar calma, graças ao jura-
mento do amigo... meu irmão... é
que o senhor tem a vida salva. Se
Manfredo não tivesse jurado res-
peitar a sua vida, como o senhor
diz, eu o mataria neste instante...

— Cuidado, pois eu trago um ha-
bito sagrado — interrompeu Loyola,
assustado com o gesto violento
de Lanthénay.

— Mata-o-lhe — proseguiu este
ultimo — como um cão dançado,
sem o mínimo escrúpulo, e julgaria
prestar assim um immenso serviço
á humanidade.

Lanthénay estava terrível nesse
momento.

Elle avançava para o monge, que
recuava livido deitando um olhar
desvairado para Manfredo como
para implorar o seu auxilio.

— Não receie nada — disse este
ultimo, escarnecendo; — nós tróes
temos o habito de respeitar a pala-
vra dada. O senhor tem a vida
salva, visto Lanthénay estar vivo.

Lanthénay parou, então, e enxu-
gou com a mão o suor que lhe es-
corria da testa.

— Sim — disse elle, — o senhor
tem a vida salva... Quanto á sua
liberdade... vamos conversar.

PATEO DOS MILAGRES

(Continuação)

Loyola, certo de que não ia ser
morto, sorriu de um modo diabólico.

Ergueu a cabeça e tomou uma
atitude melancolica.

— Os senhores são ambos muito
jovens — disse elle — e desculpe o
juizo falso que fazem de um homem
que lhes deveria ser digno de res-
peito em mais de um ponto. Mas
não me convém discutir com os se-
nhores os actos da minha vida e os
movéis que os inspiram. Digam-
me somente o que querem fazer de
mim... Lembrem-se que, se hoj-
são os mais fortes, nem sempre será
assim. Se os senhores me detiverem
prisioneiro, o rei de França, de quem
sou hospede, notará o meu desap-
parecimento e mandará procurar-
me. Acabará descobrindo a verda-
de... E' no seu interesse que falo
e não no meu, pois desde muito
tempo habitual o meu espirito á
idéa das perseguições que poderia
soffrer no serviço de Deus e da sua
santa Igreja...

— Não falemos de perseguições,
senhor — disse Manfredo; — esse
capitulo levar-nos-ia muito longe se
fossemos enumerar todas as que o
senhor suscitou. Conversemos an-
tes a respeito dos nossos negócios.

— Bem! — disse, socegado-mente,
Loyola.

— Vamos, pois — proseguiu Man-
fredo, — discutir sobre a sua liber-
dade, isto é, as condições que impo-
mos para essa liberdade.

— Condições...

— Sim, o senhor admira-se? En-
tão vamos ambos tratar desse inte-
ressante assumpto. Mas, antes de
abordal-o, aqui está meu irmão
Lanthénay, que quer primeiro con-
versar com o senhor a respeito de
um assumpto que lhe toca de muito
perto.

Loyola olhou para Lanthénay in-
terrogativamente.

— Senhor — disse, então, este úl-
timo, — não se lembra das palavras

o que me disse este manhã, no mo-
mento em que eu caminhava para
força?

— Palavras de consolo christão,
murmurou, vagamente, Loyola.

— Não; palavras de maldição, que
me queimaram o coração. O senhor
disse-me que eu ia para a forca e a
o consentimento do conde de Monclar.

— E' verdade...

— Ora, pergunto-lhe, agora, o
senhor não mentiu.

— O homem de Deus não mente
nunca!

— Preste bem attenção — pro-
seguiu Lanthénay, com uma voz
que gelou o monge — preste
tênção que lhe peço a verdade
luta... Peço-lhe que fale com
consciencia. Talvez o conde
Monclar tenha sido forçado a
esse consentimento!... Diga... No
caso conhecido bastante, agora,
saber que o senhor pôde ter sa-
bido a palavra consentimento.
Como é que o grande preboste
sentiu? Eis o que eu quero saber.

— Quem se pôde gabar de con-
fessar o verdadeiro movel dos homens?

— Veja que não nos entendemos.
Vou dizer-lhe uma coisa, senhor.
Meu amigo Manfredo, que aqui
encontrou-se, ha pouco, no
com o conde de Monclar...

Lanthénay calou-se para
flego, como se estivesse su-
do... Proseguiu:

— Ora, sabe o que Manfredo
tato?

— Espero que o senhor m'o
disse, friamente, Loyola.

Lanthénay segurou no braço
monge...

— O conde de Monclar está louco
— disse elle, com voz rouca.

— Louco! Ouviu bem? Está á procura
do filho! Chama chorando por elle.
Por que enlouqueceria o conde de
Monclar? Fale, senhor! Deve su-
ber... Ah! fale, vamos!

— O senhor espanta-me! — disse
Loyola.

(Continua no proximo numero)

"Todos os corpos vão-se arrastan-
dos pela materia do universo. Quan-
tos Chysippos, quantos Socrates,
quantos Epictetos o tempo já devo-
rou! Heraclito, Pythagoras, Archi-
medes, Menippo, onde estão tantos
philosophos, tantas naturezas pene-
trantes, magnanimas, laboriosas?

"A Asia a Europa são recantos
do mundo; o mar inteiro é apenas
uma gota do Universo; o monte
Athos um monticulo da terra, o
tempo presente um ponto na dura-
ção. Todas as coisas são pequenas,
immutaveis, perecíveis. Acostuma-
te a contemplar essas vicissitudes,
essas transformações dos seres.
Presta-lhes uma attenção continua.
Exercita-te nisto. Nada torna

BEIJOS QUE MATAM

(Conclusão)

maior a alma, nada a desprende
melhor do corpo...

Terminada esta longa leitura,
Henrique fechou o livro e fitou Zul-
mira, balancando pausadamente a
cabeça, que murmurava:
— Que grande verdade!

Elle estava com o rosto escondido
entre as mãos e chorava copiosa-
mente... Intimamente comprehen-
deu tudo: Henrique era um scer-
pico...

Trez dias após Henrique tornou-
á cidade para proseguir nos estudos.
Zulmira tambem regressou á casa
dos paes, porém, abatida, melanc-
lica, adivinhando-se-lhe em toda
uma grande transformação...

Nenhum compromisso existia en-
tre ella e o joven estudante.
Os vinte e oito annos appar-
ram-lhe, de repente, na physionomia,
desfigurada, já sem crêmes e co-
mins...

A scena daquella tarde crepus-
cular arrancara-lhe a mascara da
jovialidade, abatera-lhe o orgulho
a propria alma!

E passou a viver socegada, aman-
do a solidão, a recordar a sensação
daquelles beijos de fogo...



Physionomias que valem por diagnostics

Rosto de frontão, póndex, vilosidade de rugas
pequenas, no canto da boca, olhos indicam de-
bilidade mental.
Se o nariz é longo e estreito, os vícios accu-
sados são: o do corpo, do carácter e a incoor-
dinção da vida. O nariz largo e de vértice
deitado, indica a vida de prazer e a expressão
de um carácter alegre e expansivo. O nariz
curvo, indica a vida de trabalho e a expressão

de um carácter
sério e firme.



McHout.

PILULAS DE FOSTER



GRAPHICOR CONCENTRA



HARTMANN IRMÃOS S. A.

TINTAS E OLEOS PARA ARTES GRAPHICAS

FABRICA E ESCRITORIO: RIO DE JANEIRO:
PRAÇA DE SÃO CRISTÓVÃO, 249

Caixa postal 2441 — Telefone 35-5455

ESTA REVISTA É IMPRESSA COM AS MÁQUINAS HARTMANN

Auxilie o dentista

*a proteger
seus dentes*



*é
Antiséptico*

DESTRÓE MILHÕES DE PERIGOSOS
GERMENS DA BOCCA